



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Artes e Letras

Relatório do Projecto de Mestrado

Curta-Metragem “Reflexos”

Joana Laranjeira

Relatório para obtenção do Grau de Mestre em

Cinema

(2º ciclo de estudos)

Orientador: Vasco Diogo

Covilhã, Junho de 2010

Índice

INTRODUÇÃO	4
SINOPSE.....	5
GÉNERO, SEMELHANÇAS E ORIGINALIDADE - MANIFESTO.....	6
ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL E ESTÉTICO.....	8
NOTA DE INTENÇÕES DA REALIZADORA.....	12
NOTA DE INTENÇÕES – PRODUÇÃO	22
Nota de Intenções da Produção	25
NOTA DE INTENÇÕES - FOTOGRAFIA	26
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	28
Dos Elementos às Personagens	28
IMAGEM	30
ENERGIA/LUZ.....	31
O CINEMA.....	31
A DANÇA.....	32
DANÇA E CINEMA.....	33
ESPETÁCULO/ TEATRO	34
REFERÊNCIAS	36
PRÉ-PRODUÇÃO	38
HISTÓRIA	38
PERSONAGENS	43
BEATRIZ.....	43
GABRIEL.....	43
BAILARINA	43
VELHO.....	44
FOTOGRAFIA.....	45
SOM (algumas das ideias precedem a mistura final)	46

Adereços.....	49
PÓS-PRODUÇÃO	56
Cartaz.....	57
Conclusão/Aprendizagem	58
Bibliografia	59
Webgrafia.....	59
ANEXOS	60
Currículos dos Actores.....	61
Currículo Artístico Beatriz Lacerda	62
Currículo Artístico João Morgado.....	63
Currículo Artístico Mariana Parente.....	64
Currículo Artístico Raúl dos Santos	66
Fotos de Rodagem.....	67
Fotos de Actores.....	69
Fotos de Cenários.....	71
Postal	73

INTRODUÇÃO

Este relatório visa abordar o projecto que realizei este ano lectivo para o último ano do Mestrado de Cinema. Trata-se da realização de uma curta-metragem, «*Reflexos*», que conta a história do envolvimento/relação entre 4 personagens que procuram a libertação espiritual e a definição da sua própria essência, questionando assim o mundo e a existência.

Depois desta introdução, surge a sinopse da curta-metragem. O tópico seguinte, “Género, Semelhança e Originalidade”, aborda a corrente estética em que se insere a minha obra. No “Enquadramento Conceptual e Estético” faço uma reflexão sobre os conceitos estéticos que me inspiraram. Na “Nota de Intenções do Realizador” explico o que pretendo demonstrar com este filme. Na mesma secção, os restantes membros da equipa reflectem também sobre o seu trabalho. Posteriormente, temos a “Fundamentação Teórica”, ou seja, um breve desenvolvimento sobre como o processo de realização se apoiou em noções mais abstractas. Logo depois surge a secção “Referências” onde refiro as principais referências cinematográficas, literárias e artísticas que me inspiraram.

Numa segunda parte deste relatório, temos a secção de Pré-Produção que aborda a história, as personagens, o processo de escrita do guião, o casting, os adereços, a fotografia e o som; a secção de Produção que consiste no Dossier de Produção; e a secção de Pós-Produção (Cartaz, Divulgação).

Finalmente temos a Conclusão, Bibliografia e os Anexos.

SINOPSE

Beatriz é uma jovem com crises existenciais. Vive à margem da sociedade, num mundo idílico e tem uma paixão por dança. Um dia decide integrar-se no mundo social e faz uma viagem. Vai a um espectáculo onde conhece um bailarino, Gabriel. Apaixona-se. Gabriel tem atitudes perversas para com ela que a levam à loucura. Beatriz, na sua viagem pelo mundo do espectáculo, conhece uma misteriosa mulher que a seduz. Perdida entre o real e o irreal, vai-se questionando sobre a existência, refugiando-se no seu mundo e na sua solidão idílica. Conhece um novo amigo imaginário que lhe faz companhia e a orienta na sua viagem espiritual e existencial, que lhe revelará os segredos da vida. Beatriz descobre que o seu companheiro imaginário é um amigo real que a levará à sua salvação. Quando regressa da sua viagem, Beatriz compreende o verdadeiro sentido da vida e da sua existência.

GÉNERO, SEMELHANÇAS E ORIGINALIDADE - MANIFESTO

Tendo em conta a irredutível originalidade do meu projecto, ter de referir alguma semelhança com algum género artístico será sempre uma pura coincidência. O meu projecto cinematográfico partiu essencialmente de conhecimentos, de experiências que fui vivendo, na sociedade e no mundo. Trata-se assim, sobretudo, de um reflexo da sociedade que me envolve e que me rodeia, que me fez compreender intuitivamente o mundo e ter uma percepção artística sobre a realidade actual.

Não considero, portanto, que o meu filme se insira dentro de um género artístico ou cinematográfico bem definidos. Uma obra é um conjunto de trabalhos e este trabalho ainda pertence a uma fase exploratória que pretendo desenvolver.

Uma obra não tem de pertencer a um género ou possuir semelhanças visíveis, por decreto e objectivamente, para toda a gente. A crítica é portanto inútil, só existe subjectivamente para cada um, e nunca com um carácter de generalidade.

Escrevo este manifesto para mostrar que as acções opostas podem ser feitas confortavelmente, numa só respiração fresca. Sou contra a acção, pela contradição contínua, também sou pela afirmação, não sou a favor nem contra e não explico porque odeio o bom senso.

Escrevo um manifesto, para orientar e dar alguma referência ao meu trabalho. O principal conceito do meu manifesto é ser contra tudo e contra todos. Neste manifesto não pretendo Nada, digo contudo certas coisas e sou por princípio contra os manifestos, tal como sou contra os princípios académicos, contra o valor moral de qualquer exigência por parte social de qualquer género.

Ter como semelhança o Manifesto Dadaísta, significa estar contra tudo e contra todos. Dada não significa nada. A actividade artística e social, estava saturada, vivia-se no caos. Necessitava-se, tal como na sociedade actual, de uma renovação moral, social, política, filosófica e principalmente artística.

Uma sociedade Burguesa de dramaturgos inventa numa exposição oratória diferentes metamorfoses. Em vez de colocar as personagens convenientes ao nível da sua inteligência, procura as causas ou os fins para cimentar a intriga e a história.

Cada espectador é um intriguista logo que tenta explicar uma obra (conhecer?). Do refúgio estofado das complicações serpentina, dá os seus instintos a manipular.

Não se constrói sobre a obra a sensibilidade qualquer; qualquer construção converge para a perfeição que aborrece, ideia estagnada, de um produto humano relativo.

Dada, eis a palavra que leva à ideia, à procura de uma explicação para criar um conjunto, um movimento de artistas que se unem num género artístico, como se fizessem parte de um conjunto de uma espécie em que o artista tem que pertencer e se assemelhar.

Estas semelhanças, no meu entender, têm de ser puramente liberais e individuais. As únicas semelhanças desse conjunto de “seres” a que chamamos sociedade / comunidade, são, para mim, o puro reflexo dos moralismos e das convenções sociais às quais temos que nos adaptar para conseguir sobreviver em sociedade, são reflexos.

Será que se acredita que se encontrou a base psíquica comum a toda a humanidade? A tentativa de Jesus e da Bíblia cobrirem com as suas asas largas e benevolentes; a merda, as bestas, os dias. Como é que se pretende ordenar o caos que constitui esta infinita, informe variação: O Homem? O princípio “amar o teu próximo” é uma hipocrisia.

“Conhece-te a ti mesmo” é também uma utopia mas mais aceitável porque contém em si a maldade. Há que ter piedade. Depois da Carnificina resta-nos a esperança duma humanidade purificada.

Continuo a falar de mim já que não quero convencer, não tenho o direito de arrastar os outros para o meu rio, não obrigo ninguém a seguir-me e toda a gente faz a sua arte à sua maneira – assim se conhece a alegria de subir em direcção às camadas astrais.

Assim nasceu Dada à minha semelhança, duma necessidade de independência, de desconfiança em relação à comunidade. Quem é que dos nossos conserva a sua liberdade. Não reconhecemos teoria nenhuma. Estou farta do ensino académico e das academias artísticas laboratoriais de ideias formais.

ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL E ESTÉTICO

O reflexo é, antes de mais, um processo de auto-conhecimento da consciência da nossa existência, da nossa própria imagem e da imagem dos outros sobre nós. É também uma capacidade de compreensão de tudo que está presente no mundo exterior. Esta capacidade que temos em perceber o mundo é uma tomada de conhecimento sensorial dos objectos, que é transmitida pela faculdade da acção da visão. Partindo dos vários significados de reflexos - imagem reflectida; luz que reflecte; reacção do cérebro a um estímulo—procuramos o elo de ligação entre o dualismo dos reflexos mentais (pensamento) e dos reflexos das imagens (percepção/sensação).

Essas imagens podem ser conscientes ou inconscientes como a visualização das imagens na mente ou a visão do reflexo visual da matéria orgânica reflectora. A água e o espelho são a reflexão da imagem, da matéria. É através da percepção e da memória visual que poderemos atingir um auto-conhecimento corporal e espiritual. Interessou-nos pensar e experimentar a relação dos reflexos visuais do corpo e dos reflexos mentais do espírito. Os reflexos visuais e os reflexos mentais, relacionam-se com questões filosóficas muito abrangentes sobre a essência e a existência, que são também matéria poética primordial.

Cada vez mais as nossas crenças e valores sociais são influenciados pelos meios de comunicação através de propagandas e noticiários sensacionalistas que manipulam as nossas atitudes e acções até ao ponto de nos esquecermos de pensar em quem realmente somos.

Acreditamos existir num mundo constituído de diferentes objectos, de diversos tamanhos e de diversas cores. Acreditamos que esse mesmo mundo se organiza no espaço tridimensional e que o tempo segue a sua marcha inexorável numa única direcção. Acreditamos que as pessoas ao nosso redor são em tudo semelhantes a nós, vêem as mesmas coisas, têm os mesmos sentimentos, sensações e necessidades. Tentamos interagir com as outras pessoas e encontrar alguém com quem partilhar a vida e talvez constituir família pois tudo nos leva a crer que essa é uma das condições para a nossa felicidade. Mas nada impede que façamos uma reflexão profunda sobre o significado desses valores e dessas crenças fundamentais, uma fundamental reflexão que é um reflexo desse mesmo estado.

É neste estado de espírito que formulamos perguntas como: “O que é que é a realidade em si mesma?”; “O que é que há por detrás daquilo que vejo, ouço e toco?”; “O que é o espaço?”; “O que é o tempo?”; “Se o que aconteceu há um centésimo de segundo atrás já é passado, será que o presente não é uma ficção?”; “Será que o que acontece é sempre sucedido por causas?”; “O que é a felicidade?”; “Como alcançá-la?”, “O que é certo e o que é errado?”, “O que é a liberdade?”. É com base nestas questões que pretendo expressar a minha criatividade, a minha percepção e a minha imaginação como reflexos da vida, da existência e da realidade.

A crise existencial é um tema bastante actual na nossa sociedade. A escolha deste tema justificou-se por eu acreditar que o mundo e a sociedade só evoluirão no sentido em que consigamos encontrar e identificarmo-nos como seres livres e individuais, de modo a atingirmos a plenitude e encontrarmos a nossa própria essência. Talvez um dia sejamos perfeitos, sem princípio nem fim. Talvez a morte seja a anulação do consciente e o inconsciente a própria vida. Talvez a arte seja a materialização da intuição e da imaginação. Talvez a arte seja a única verdade que permanecerá para sempre eterna...

Para a introdução ao tema da história começo com duas citações. A primeira citação é sobre o uno, a união de tudo o que conhecemos da realidade e da sua transformação. Na união se cria o universo. Ao falar do universo falo de Deus como um ser transcendental no seu todo, no conjunto de tudo o que existe: um poder invisível que todos sabemos existir, mas entendido por muitos nomes tais como o espírito, o ser supremo, a inteligência, a mente, a energia, a natureza, a beleza, a ordem, a organização, a harmonia. Falo também do Mundo Natural de todos os elementos como o céu, a terra, as árvores, o vento, a água e o fogo. Deus é o criador, o arquitecto universal do espaço e do tempo. Um espaço e um tempo infinitos. Deus criou o Universo a partir de princípios da geometria e harmonia. Para buscar estes princípios bastava, portanto, buscar a obra de Deus. Deus é o tudo e o nada.

A segunda citação fala-nos sobre os poderes das águas. A água tem também uma grande relação com os reflexos. É a partir deste elemento que o Homem descobre o reflexo da sua imagem. A água é uma matéria orgânica em que o homem toma pela primeira vez a consciência da imagem do seu próprio corpo. Ela é o espelhamento do mundo, criando um outro mundo virtual e fantasioso. A superfície da água é a primeira tela que reflecte a representação do mundo. A água purifica a alma e incita à sensualidade e ao desejo.

Na primeira cena, na projecção da segunda citação sobre as águas de Yukio Mishima, “Templo da Aurora”, fala-se do significado deste elemento e da sua importância na vida, como forma de introduzir uma premeditação dos acontecimentos. A água é um dos elementos com que Beatriz se relaciona ao longo da história. Beatriz nutre um grande fascínio pela água e pelo seu movimento. É por esse motivo que ela se refugia na cascata e a observa. A cascata simboliza acontecimentos sucessivos, reflexos do inconsciente da vida, que vêm à memória. É quando ela se encontra na cascata que a história se começa a desenvolver / movimentar. A água é apresentada aqui não só como fonte de vida, mas também como elemento inato à sensualidade e à sedução.

Estas citações são importantes para a compreensão do desenrolar da história, mas também pretendem fazer o espectador tomar consciência sobre a sua própria existência entendida como reflexo, ou, dito de outro modo, pretendem levar o espectador a reflectir, a questionar o que vai ver. Partindo do princípio que existimos, que a vida se justifica pela consciência, tento pensa, baseando-me na percepção e na imaginação, na importância que têm o corpo e a mente para o nosso auto- conhecimento e para a nossa auto-estima. Será que há uma distinção entre a mente e o corpo, ou haverá uma identificação entre a mente e o corpo?

Beatriz é uma jovem com crises existenciais que viveu ao longo da vida fora do mundo social, refugiada num pequeno paraíso. Beatriz é uma jovem curiosa, intuitiva e impulsiva. Um dia faz uma viagem e vai a um espectáculo de dança onde conhece um Bailarino, Gabriel. Gabriel é um jovem bailarino com um grande sentido de auto-controlo da sua imagem e da sua personalidade. Gabriel tem uma personalidade mística, é manipulador e reconhece em Beatriz uma miúda insegura, ingénua e confusa. Ele descobre que ela possui uma enorme sensibilidade, expressão corporal e paixão pela dança. Beatriz apaixonou-se por Gabriel estabelecendo com ele uma relação íntima e misteriosa. Gabriel manipula Beatriz tendo atitudes perversas com ela. Beatriz movida pela curiosidade e fraca-auto estima deixa-se ser manipulada o que a levará à loucura. Ela é transportada para «mundos» onde perde a noção da realidade. Beatriz vive sensações de desorientação, alienação e confusão face a um mundo sem sentido e absurdo questionando a sua própria existência.

A história, tendo em conta a psicologia humana, coloca em questão até que ponto a mente humana consegue ultrapassar fronteiras e qual o seu poder na vida ou na morte.

As questões que pretendem reflectir são: a existência, o seu início e o seu fim; o silêncio, a solidão, o sexo, a amizade e o amor. Neste contexto a Natureza humana é questionada. Quem somos? O que fazemos? Para onde vamos?

Pretende-se que a imagem fale por si própria independentemente das palavras.

Procurarei criar cenários simples e minimalistas, oscilando entre espaços frios e quentes, com base na iluminação, nos materiais dos cenários e na música, em contraste com a expressão barroca dos diálogos.

Os elementos visuais e materiais como a água, os espelhos, os livros, as máscaras, a sala de espectáculos (que é uma sala de cinema) são determinantes para o enquadramento estético e conceptual do projecto. A partir destes elementos, os temas vão-se desenvolvendo e interligando com as personagens, de forma literalmente auto-reflexiva e espiritual: as múltiplas dimensões do reflexo (água, espelho, projecção), a manipulação da imagem, a consciência física do estado psicológico, do corpo (a dança) e da mente; também os diálogos das personagens sobre o espaço-tempo, o gesto-movimento e a imagem-som abordam questões cinematográficas que se relacionam com o conceito do reflexo.

NOTA DE INTENÇÕES DA REALIZADORA

“Reflexos” é uma curta-metragem que defino como poesia visual e musical. Um mundo de espectáculo, de viagens, de música, do corpo no espaço, que geralmente não é praticamente verbal. Uma viagem espiritual e espacial sobre a realidade, a ficção, a ilusão e a imaginação, através do movimento e da energia no espaço e no tempo. Os reflexos são a primeira imagem visual e mental que os personagens da história têm do corpo no espaço, de tudo o que os envolve e rodeia. Pretendo unir a dança, o cinema e a crise existencial a partir da representação teatral do corpo e da captação da imagem.

Os vários elementos, locais e acessórios onde se desenvolve a história estão repletos de simbolismos ligados aos reflexos. O espelho, a água, o céu, as árvores, o vento, os livros e as máscaras são elementos místicos e simbólicos. Utilizo os espaços e os elementos visuais para ultrapassar as barreiras que existem entre o sonho e a realidade, entre a imagem e a imaginação. Procuo também mostrar o oculto, ultrapassando as fronteiras entre o consciente e o inconsciente que estão por detrás de todos os reflexos. Poderemos pensar que é a partir dos reflexos que o real se cruza e se confronta com a ficção.

Os espaços onde a história decorre são espaços ficcionais, mas pretendo que só um espaço seja real: o espaço da consciência racional, do presente, dos sentidos - o Pinhal e a Cascata. Os outros espaços pertencem ao inconsciente, ao mundo dos sonhos. Durante a história a personagem principal, Beatriz, passa constantemente por espaços diferentes: Sala de Espectáculos, Quarto de Espelhos. As mudanças de espaços acontecem a partir de sonhos ou hipnose.

O corpo em movimento faz a ligação entre os diferentes cenários, ocupa, ao mesmo tempo, uma dimensão espacial que está além da realidade física, revelando os reflexos mentais e visuais dos personagens. Dois personagens da história são bailarinos profissionais. Utilizam a expressão corporal como base do ato de comunicar e representar. Um gesto e um movimento dizem muito sobre a personalidade dos personagens. O corpo, a dança são o veículo que utilizo para expressar a alma de todas as personagens.

Nestes locais ela vai conhecendo pessoas que aparentemente não conhece, mas sente uma ligação passada pertencente ao seu inconsciente. Enquanto a protagonista vai vivendo estas viagens espirituais, confronta-se com as outras personagens, tendo diálogos propícios à reflexão e à identificação com todas as personagens da história. A minha intenção é criar um clima de mistério, para que o espectador não identifique até ao final qual o momento, o espaço, e quais as personagens reais.

A história narra certos momentos da vida de quatro personagens. Três das personagens principais, Beatriz, Gabriel, (bailarino), e a mulher, (bailarina), procuram um sentido para a vida. Vivem intensamente cada momento, num mundo transcendental, num mundo elevado que está acima da razão, numa experiência sublime que parte da unidade, verdade e bondade. A suposta realidade são os momentos presentes que eles vivem. O passado é a memória e o futuro a incerteza, que os leva à loucura, ao delírio e à alucinação; à insatisfação de nunca compreenderem o significado da existência. O quarto personagem é o Velho. É uma personagem fictícia, que não existe fisicamente, mas somente na imaginação de Beatriz. Esta personagem conversa com Beatriz fazendo-a pensar e meditar sobre a existência. Representa a sabedoria e a experiência da vida.

O local onde a história se inicia é um espaço Natural. É o pinhal onde Beatriz passeia entre as árvores, observando a paisagem e respirando o ar puro que a natureza lhe oferece. Este espaço orgânico, tal como os outros espaços ficcionais onde a história decorre, também é um espaço espiritual e místico. É uma espécie de nostalgia. Para Beatriz, a Natureza apresenta ainda um “encanto”, um mistério. Beatriz busca na Natureza um conhecimento proveniente de uma relação cósmica e mítica com o mundo Natural, procurando captar as informações e mensagens de maneira não racional, integrando-as numa dimensão mágica, com os elementos naturais, o céu, o vento, as árvores, a água e o espírito. Procura compreender estes elementos e relacioná-los como um organismo vivo, real e sagrado, indo não encontro das forças Naturais.

O significado da Natureza para Beatriz passa a ser visto como um organismo que transcende a pretensão da razão humana. O céu, o vento, a água, as árvores e os livros estão bastante relacionados com o simbolismo deste espaço, e com as personagens. É com o contacto da Natureza, fora do mundo social, que Beatriz desenvolve a sua inteligência intuitiva. A ligação aos livros e as citações estão relacionadas com os elementos da Natureza e a espiritualidade que este espaço oferece a Beatriz. A Natureza é a sua mestra.

É com a sua intuição, aliada à sabedoria dos livros e da poesia, que a sua alma deixa florescer a sua curiosidade, ansiosa por mais conhecimento. É neste preciso momento de espiritualidade que ela decide fazer a sua primeira viagem, para o mundo social, levando como companhia a sua mala de viagem.

A mala de viagem de Beatriz além de ser a mala em que ela guarda os seus pertences, é um objecto que simboliza o amor e o apego aos objectos materiais. A mala é o cérebro de Beatriz. Beatriz guarda na mala, objectos que revelam a sua vida. As suas recordações, o passado, as memórias. O presente, que são todos os instantes em que ela toca e sente os objectos, a matéria. E o futuro é a continuidade do presente, com a lembrança do passado. A perspectiva do futuro leva Beatriz a planear a sua viagem. A relação do passado e do presente, cria-lhe premeditações dos acontecimentos no futuro. As máscaras, os livros, o vestido de dança, simbolizam o passado, as recordações. No presente, os objectos são a sua companhia. Representam a existência e a essência, os sentidos, o tocar, o olhar, o cheirar, o ouvir, o saborear. O futuro é o imprevisível, o incerto. Os objectos escolhidos representam as coincidências inconscientes de Beatriz, que a conduziram a conhecer novas pessoas e a viver novas experiências.

Sendo as personagens bailarinos, o espelho é o símbolo da inteligência criativa e um dos principais elementos do cenário. Os espelhos revelam o oculto. É também a partir do reflexo dos espelhos que vamos seguindo as acções das personagens e os seus comportamentos. Para além de reflectir a imagem, os espelhos criam janelas e espaços ilusórios, multiplicando a luz natural ou artificial. Atrás de um espaço está outro espaço oculto, tal como os espelhos. Atrás do espelho existe outro espaço, que revela outra realidade, que reflecte outra imagem. É através da relação entre estes espaços que se revela que existe uma relação íntima, consciente ou inconsciente, entre as três personagens. A relação entre a dança, o espectáculo, entre a ilusão, a realidade e a relação física sexual e espiritual que existe entre elas.

O quarto dos Espelhos é o quarto de Gabriel, (bailarino), e é também o quarto em que Beatriz vê pela primeira vez a mulher que está deitada a seu lado e a seduz. É neste quarto que Beatriz conversa com o bailarino sobre os reflexos e a manipulação da imagem. Beatriz observa o corpo e tenta descobrir o seu interior, tenta encontrar a sua personalidade através do reflexo nos espelhos. É a partir dos espelhos que estas personagens fazem uma auto-contemplação e reflexão sobre a verdade, a sinceridade e a

pureza dos reflexos. Simboliza a chegada da mais alta experiência espiritual, quando Beatriz compreende porque se vê invertida em sua reflexão. É através dos reflexos que ela se vê e vê os outros.

No quarto dos espelhos a temporalidade é bastante importante para criar ambientes e sensações diferentes, com a utilização da luz natural e com a luz artificial. Nas cenas da história que aparece este espaço, uma é supostamente de dia, recebe uma luz fria, muito clara e espiritual, que cria uma ambiência entre o lúcido e o ébrio. O quarto com a bailarina aparece pela primeira vez quando Gabriel hipnotiza Beatriz, transportando-a para outra dimensão e para um novo espaço físico e temporal. A outra cena, com a personagem de Gabriel e Beatriz, no quarto de espelhos, recebe a luz artificial, com tonalidades mais quentes. Temporalmente os acontecimentos sucedem-se, à noite, e têm uma relação muito forte com o momento em que Gabriel conduz Beatriz fisicamente numa continuidade lógica, da Sala de Espectáculos para o Quarto de espelhos. A passagem consecutiva entre estes dois espaços, que supostamente estão separados, pode revelar, através da acção das duas personagens, que estes espaços fazem parte de um só. Existe também uma nova visão do Quarto de espelhos quando Beatriz acorda sozinha no quarto com o vestido e a mala a seu lado. O quarto também está iluminado com luz artificial, é aparentemente de noite e Beatriz acorda ensonada, como se ainda estivesse a despertar, do mundo dos sonhos para o mundo real.

Nestes três acontecimentos, no mesmo espaço com as três personagens, só neste momento é que Beatriz se encontra sozinha e com os objectos que lhe pertencem. É neste momento que se poderá supor que o quarto é o seu próprio quarto em que ela sonhou com os acontecimentos e com as personagens. Ela abre a mala que revela os objectos, pega neles de forma inconsciente, relacionando-os com os sonhos que teve. É quando coloca as máscaras, que inconscientemente vê o reflexo dessas duas personagens no seu próprio reflexo. As personagens encontram-se no seu espírito. Gabriel é a personagem masculina que ela deseja ser, e o homem que ela ama. A bailarina é uma mulher com uma personalidade forte e independente, é a amiga que a liberta dos preconceitos morais. Os objectos são as personagens que sonhou e ela será as duas personagens encarnadas nela. Estes dois espaços são supostamente os espaços ficcionais da história. Representam a realidade do espírito inconsciente. É neste mundo espiritual que ela desenvolve e compreende o seu inconsciente criativo e artístico.

A água tem também uma grande ligação com os reflexos, com Beatriz e com todas as personagens. É a partir deste elemento que ela vê e pensa sobre o reflexo e o significado da sua imagem. A água é um dos elementos com que Beatriz se relaciona ao longo da história. Nutre um grande fascínio pela água e pelo seu movimento, sublime, que se movimenta e movimenta o seu corpo. Pelo seu reflexo na água, ela compreende que o movimento da água é como uma dança, movimenta-se pela energia no espaço e no tempo. É na imagem do reflexo em que Beatriz dança na água que aparece uma citação sobre as águas de Yukio Mishima, “Templo da Aurora”. Citam a importância deste elemento. É, como referi, uma premeditação dos acontecimentos.

A água é apresentada não só como fonte de vida mas também como elemento inato à sensualidade e à sedução. A associação erótica da água, a sua relação com o corpo, a dança e a beleza ganham destaque e ressaltam a componente de sensualidade na história.

A água está ligada à lenda de Narciso, e, na sua componente sexual, relaciona-se com a personagem de Gabriel. Como na lenda, o bailarino seduz Beatriz, que se apaixona por ele mas despreza-a, tendo atitudes perversas com ela. Desconsidera o amor e a procriação, tirando partido do sexo para a sua realização e satisfação pessoal. Beatriz ao contrário de Gabriel, apaixona-se, procura na sedução o amor à vida e à procriação. Estas duas personagens relacionam-se com o simbolismo destes dois elementos, a água e o espelho. Beatriz está ligada à componente sexual da água, pela sua beleza e pureza natural. Gabriel está mais associado à componente sexual do espelho, pela deturpação da imagem, pela mentira, pela sua frieza e artificialidade ficcional. A bailarina está relacionada com o espelho e com a água. Relaciona-se com o espelho pela vertente da criatividade artística, na beleza e na sensualidade. Ao contrário de Gabriel, o espelho simboliza na personagem da bailarina, a verdade, a pureza e a sinceridade.

Ao contrário de Gabriel ela tem uma relação com Beatriz de sensualidade e de amizade. A relação que existe entre a água e a personagem da bailarina e de Beatriz é a simbologia deste elemento. Simboliza a feminilidade, a sensualidade, a flexibilidade, a instabilidade ou a estabilidade e a fertilidade. A bailarina vê o seu reflexo em Beatriz pelo fato de ser mulher, mas ambas têm posturas diferentes. A Bailarina tem uma personalidade segura e independente em relação à vida. Representa a Amizade, a leveza, a flexibilidade, a instabilidade, a liberdade. Beatriz tem uma personalidade insegura.

Representa o Amor, o peso da gravidade solar, que a liga à terra, pela estabilidade e fertilidade. Tem medo da solidão e de voar sozinha. Procura alguém que a proteja. A submissão é o sentido da sua vida.

A personagem do velho também está ligada à simbologia da água, mais concretamente através da figuração da cascata. Nesta perspectiva, a água aparece com outro simbolismo. A cascata simboliza acontecimentos sucessivos, reflexos do inconsciente, momentos passados da vida que vêm à memória. Significa também a continuidade da vida. Simboliza a mudança que ocorre na vida de Beatriz. O fluxo da água simboliza o nascimento, o crescimento e a morte. É na cascata que ela vê pela primeira vez a personagem do velho. E é neste momento que a história se desenvolve. Beatriz observa a cascata meditando sobre a vida. O velho representa o inconsciente de Beatriz. Ao longo da história, a cascata representa sempre o passar do tempo incessante e dos vários acontecimentos que vão sucedendo ao longo da sua viagem. O velho é o companheiro maduro, o ouvinte solitário, que lhe faz companhia na cascata. E tal como a cascata ele representa o passar do tempo da viagem de Beatriz, ouvindo os pensamentos das várias experiências que ela vai fazendo na vida e orientando-a com citações e meditações.

Na história, a utilização da máscara é também muito relevante e simbólica. Esconde o rosto real das personagens da história que a utilizam, revelando as suas almas. Elas procuram a face do seu espírito eterno, a beleza da sua alma. As personagens da história utilizam a máscara, no sentido que procuram na máscara um encontro face a face, sem truques ou corrupção da verdade. A máscara é possivelmente o mais simbólico elemento da linguagem cénica de toda a história do teatro. A máscara está associada ao teatro, à representação e à loucura, dentro da dualidade do esconder e do mostrar. A loucura é retratada na história como um refúgio da determinação social. Procura libertar a mente, o espírito e o corpo de todas as condicionantes e moralismos sociais.

Uma das máscaras que aparece na história é o desenho do bobo que Beatriz cola no espelho com pensos curativos. Reflete o estado de espírito de Beatriz, simboliza a consciência do seu estado de espírito: sentir-se perdida, louca, sozinha e à margem da sociedade. Sente-se confusa entre o que é bem e o que é mal. A imagem do Bobo simboliza a solidão e a loucura em que ela viveu. É por este motivo que ela decide fazer a sua primeira viagem para descobrir o mundo e a vida, tentando encontrar na loucura um refúgio ao mundo social. Não se identifica com os idealismos, regras, crenças religiosas e

normas sociais. O desenho da máscara do Bobo que Beatriz coloca no espelho, reflecte o estado de espírito de loucura de Beatriz. Não é por acaso que no teatro existem duas formas muito importantes de comunicar, associadas à máscara: o choro e o riso. A citação escrita no desenho reflecte essa dualidade entre o choro e o riso em que Beatriz sempre viveu. Esta citação une a mensagem à representação da máscara do Bobo, "de dia o bobo faz caretas, à noite chora a solidão". É neste contexto que a personagem do velho, aparece no final resumindo a conclusão que ele próprio retirou ao longo da sua vida, concluindo que quanto mais conhecimento e sabedoria temos da vida, menos felicidade sentimos. O velho é também uma máscara. Uma personagem ficcional, a personificação do livro, "Elogio da Loucura". Este livro é a sua verdadeira companhia, figura e personagem real.

As personagens da história, que também usam a máscara para além de Beatriz e do próprio livro (tendo em conta que o livro é que é a personagem real), são a bailarina e Gabriel, o bailarino. A máscara que a bailarina usa revela a ligação física e psicológica entre ela e Beatriz. Ao contrário de Beatriz a bailarina é uma mulher mais segura em relação a si e à sua vida. Assume uma postura dominadora perante Beatriz. Beatriz sente uma admiração e curiosidade por esta personagem e vê o seu reflexo na bailarina a partir da máscara e da dança. Estas duas personagens têm uma forte ligação e telepatia, para além de serem as únicas mulheres na história, ambas procuram a libertação espiritual, a libertação do que está oculto, escondido, fechado por trás da máscara, soltando-se assim das suas próprias barreiras, entregando-se à embriaguez, à folia da dança e à sedução. Na dança da bailarina, ela está mascarada com a mesma máscara que Beatriz colocou no rosto, após ter colocado anteriormente as outras máscaras, das quais uma delas é o seu próprio rosto a fazer caretas, tentando fazer um reconhecimento de si própria, a partir das suas expressões faciais. A escolha desta máscara é reveladora da influência que a bailarina exerce sobre a personalidade de Beatriz, transmitindo-lhe mais autoconfiança, ensinando-a a gostar de si e da sua imagem. Esta máscara é uma máscara que transmite mistério, beleza e subtileza.

É esta máscara que Beatriz escolhe para reflectir a sua nova identidade. Beatriz coloca esta máscara no final, assumindo uma nova postura, e uma nova consciência e visão sobre a sua imagem corporal e espiritual. Revela-se uma nova Beatriz, mais forte e autoconfiante perante si e a vida. Esta máscara, revela para Beatriz a personagem da bailarina, quando no final da dança a bailarina retira a máscara do rosto. Beatriz reconhece a

bailarina, como sendo a mulher que a seduziu no quarto. Esta máscara, simboliza, então, a fusão destas duas mulheres. Elas formam o uno feminino. Duas personagens com personalidades diferentes, que se unem e se tornam na mesma, na mesma face, no mesmo rosto na escolha da mesma máscara. Estas coincidências estão relacionadas com o desconhecido, com o território entre o mundo da consciência e do inconsciente em que somente uns reparam e outros não.

A escolha da utilização da mesma máscara por estas personagens, tem como intenção focar a dualidade a que a mulher é submetida perante o papel que lhe é atribuído pela sociedade. Um papel que está vinculado à mulher por dogmas religiosos e sociais. O Homem é considerado o ser perfeito, o uno. A mulher é considerada o ser que tem de viver entre a dualidade de ser uma mulher submissa ao homem, e a mulher libertina, que o leva à “loucura” pelo prazer sexual. Mais uma vez, a mulher vive numa dualidade entre a leveza da amizade e da liberdade, e o peso do amor, da prisão e da submissão.

Os livros que também a acompanham são retratados como personagens que não existem fisicamente mas espiritualmente. São livros filosóficos, antigos, simbolizam a sabedoria intelectual da vida. Ela procura nos livros o que não encontra nas pessoas. Os livros são as personagens irrealis em que ela se refugia no seu mundo individual e ilusório. Criando o seu próprio mundo fictício e anti-social. Os livros são os seus verdadeiros amigos imaginários que lhe darão as respostas que ela procura. Para além de lhe acalmarem a alma, libertam-na da loucura que ela procura nos desafios da vida. Os livros que se relacionam com o tema da história são, “O Elogio da Loucura”, de Erasmo e a “Náusea”, de Jean Paul Sartre.

Também aqui os livros caracterizam personagens. O velho da cascata, mantém uma relação com a Beatriz espiritual. Esta personagem é uma encarnação física do livro “Elogio da Loucura”, que lhe faz companhia e a faz meditar. É a única personagem que não se envolve fisicamente com ela. Beatriz nunca o chega a conhecer e a descobrir se existe. Gabriel é personificação do livro, “A Bíblia sagrada”, um dos livros mais antigos da humanidade, sendo considerada uma profecia. Está associado à personagem de Gabriel. Gabriel, o bailarino, considera-se um novo profeta, que tenta dar outro significado aos conceitos bíblicos e é através da dança que ele manifesta as suas ideologias. É no final da dança em que se coloca na frente da projecção da imagem das árvores, que Gabriel encarna a representação da personagem de Jesus Cristo na cruz. Ele sente-se uma figura

incompreendida no mundo social. O final da sua coreografia é uma premeditação e identificação com a figura Bíblica de Jesus Cristo.

O fecho da história acontece num ecrã de cinema onde o filme do filme, ou o reflexo da história, se move no mundo da imaginação, nos nossos sonhos diurnos e nocturnos, dos personagens, que se encontram num lugar originário e subitamente em outro sem ter que percorrer qualquer espaço intermédio. Utilizo o cinema com a condição de permanência espaço temporal das obras de natureza cénica poderem ser transformadas, tornando possível à história apresentada ganhar outro tipo de duração e ritmo, assim como ser apresentada através de uma nova micro-narrativa. É nesta parte final que a história aparece projectada num ecrã de cinema, com a intencionalidade de fazer o espectador pensar e ter um acréscimo de consciência e fascínio sobre a natureza da experiência cinematográfica. Nos filmes é possível observar imagens que não podem ser vistas no palco, re-dimensionando espaço e tempo, assim como apresentando uma nova narrativa, agora fragmentada e não mais linear. Em Reflexos, a parte final da história tem como finalidade fazer com que o espectador, pela informação que adquiriu ao longo das imagens e dos diálogos, crie no desfecho a sua própria narrativa através de uma sugestão de reconstrução mental. As personagens-espectadores são colocadas na situação de testemunhas dos acontecimentos.

Na cena final na projecção das imagens no ecrã, passam imagens sucessivas e aleatórias dos vários acontecimentos que se sucederam ao longo da história: imagens do céu, da cascata, das árvores, de Gabriel, da Bailarina e do reflexo na água de Beatriz a dançar. Algumas dessas imagens não são reveladas ao longo da história mas reforçam e contam a história doutro ponto de vista. Aparecem algumas imagens de Gabriel projectadas, relacionados com estes conceitos bíblicos. Numa das imagens aparece uma imagem Bíblica, aberta numa página que ilustra um anjo rodeado por várias figuras femininas. Trata-se de uma referência à imagem dos ideais sociais machistas, em que o Homem é o ser perfeito, o uno, sendo a encarnação de Deus na terra. Outra imagem é a imagem de Gabriel a beber um cálice com um líquido branco. Demonstra atitudes perversas que teve com Beatriz, pela associação do líquido branco à cena em que Beatriz faz sexo oral com ele no Quarto de Espelhos. Aparecem também imagens da bailarina, do homem da cascata, da mala e dos objectos. Estas imagens sucessivas e aleatórias que

estão projectadas no ecrã são imagens que mostram os mesmos acontecimentos da história, mas com outras imagens em novos pontos de vista.

A projecção das imagens na tela de cinema é onde se desvenda a história e se percebe onde tudo se passou. Numa sala de cinema, um espectáculo sobre a vida, filmado e assistido por nós, espectadores. A história termina com o reflexo de Beatriz a dançar na água e a citação, sobre a existência, concluindo a reflexão que Beatriz fez sobre a sua viagem.

“Agora compreendia. As coisas são inteiramente o que parecem e por detrás delas... Não há nada.” Jean- Paul Sartre.

NOTA DE INTENÇÕES – PRODUÇÃO

Ser produtor nunca é fácil. Com isto não quero dizer que não goste de ser produtora, nem que não tenha gostado de trabalhar neste projecto. Antes pelo contrário. Este projecto de facto apresentou uma variedade de obstáculos e dificuldades que fez com que eu conseguisse aprender a lidar com os mesmos em ambiente de grande pressão. Algo que nos faz perceber o que é mesmo produção. Algo que muitos alunos de cinema não gostam e recusam a lidar.

O primeiro elemento deste projecto que me fez aceitá-lo foi o guião. Pois achei, de imediato, que estava a altura do desafio. Não é fácil encontrar actores que saibam dançar, como também é muito difícil encontrar bailarinos que saibam representar. Em relação a este assunto, tive a sorte da experiência de dança por parte da realizadora, que tratou de solucionar este problema da melhor forma.

O maior desafio desta curta foi combater a crise e financiar este projecto ao mesmo tempo. O lado positivo foi o facto de a curta-metragem ser rodada na cidade da Covilhã, o que nos fez poupar bons euros na área do alojamento. Para além disso todos os actores, assim como toda a equipa técnica, tinham casa na Covilhã. Penso que esta escolha do local de rodagens foi uma salvaguarda para o nosso orçamento.

Contudo, devido à crise implementada no nosso país, arranjar apoios que financiassem o projecto, foi o mais difícil. Embora todos os comerciantes tenham recebido a nossa carta de pedido de patrocínio, os mesmos recusavam a dar-nos apoio, com a justificação de que estavam em crise. Tentando ultrapassar este obstáculo, fomos usando os nossos contactos de forma a contornar a crise, financiando o projecto. Assim foi.

Algum tempo depois, correu um rumor de que a Santa Casa da Misericórdia do Fundão tinha carrinhas de 9 lugares para alugar. E que esse mesmo aluguer estava em conta, podendo, esta, entrar no nosso orçamento. Sendo assim, eu e a minha assistente, Cláudia Bento, fomos ao Fundão tentar a nossa sorte. Foi marcada uma reunião com a responsável pelos transportes da Santa Casa da Misericórdia do Fundão. Ao conversarmos com a senhora, que embora não nos pôde ajudar, estava disponível para nos ouvir, deparámo-nos que o rumor do aluguer das carrinhas era falso. Mais uma vez ficámos na

mesma situação. Contudo a conversa com a senhora responsável continuou, quando a mesma se lembrou de que poderia existir alguma esperança, se nos dirigíssemos à Associação Desportiva do Fundão.

Sem mais demoras, fomos logo para a sede da Associação. Expusemos logo o nosso problema e anunciamos quem nos tinha indicado a Associação. Infelizmente estava-mos a expor a nossa situação ao Vice-Presidente da associação, que se recusava a tomar alguma decisão sem o Presidente. Foi então marcada uma reunião com o presidente da associação, o Sr. António Angeja. Um senhor que, após algum tempo apercebemo-nos, é um senhor muito conhecido e respeitado na cidade do Fundão. Na reunião com Sr. Angeja, Presidente da Associação, apresentámos o nosso projecto e a falta de apoio por parte da cidade da Covilhã. O presidente, com o nosso mapa de rodagens, criou, logo, um plano para que a associação e o projecto usassem a mesma carrinha. Além disso conseguimos a carrinha por um preço aceitável para o nosso orçamento: 50€. Este “negócio” acabou por, ainda, ser mais vantajoso para nós, a partir do momento em que, numa chamada posterior a este tempo, recebemos a notícia de que poderíamos ficar com a carrinha o tempo todo de rodagens, dando por cancelado o plano feito anteriormente. Durante a mesma reunião, o sr. Presidente, mostrando interesse no nosso projecto, perguntou-nos o que nos faltava. Inocentemente respondemos que a área das refeições estava a dar-nos uma enorme “dor de cabeça”. Após este desabafo, o sr. Angeja aconselhou-nos a procurar a Escola Profissional do Fundão. Ele próprio deu-nos alguns nomes de professores, e disse-nos para irmos em nome dele.

Na Escola Profissional do Fundão conseguimos, no próprio dia, falar com um dos professores. A professora que nos ouviu, atentamente, aprontou-se a chamar a encarregada do refeitório. Ambas as professoras combinaram logo connosco quais as refeições e as quantidades. Em suma, a escola criou-nos 4 refeições para 14 pessoas, sendo que nós (o projecto) só pagaríamos apenas 2 ingredientes. No final dessa manhã saímos do Fundão com 2 apoios importantíssimos. Estes dois apoios fizeram com que poupássemos cerca de 500€ (cálculos estimativos e não reais).

Até aquele momento o projecto “Reflexos” tinha apenas 400€ dados pelo I.C.A. Embora com pouca noção do orçamento do projecto, decidimos tentar angariar dinheiro. Sendo que uma das ideias de tentar financiá-lo foi concretizar uma festa num bar da Covilhã, sendo este método muito habitual no nosso curso, nos tempos de pré-produção

dos projectos. Nesse bar fizemos duas festas e com elas angariámos cerca de 150€. Dando, assim, uma quantia final de 550€ para gerir durante o projecto todo.

Para finalizar a pré-produção financeira, a realizadora Joana, conseguiu um elemento importantíssimo para a sua equipa. Era algo que era exigido pela Joana, e nada contra poderíamos fazer. A Joana necessitava de uma profissional na maquilhagem. Alguém que soubesse o que estava a fazer. OS nossos contactos fizeram com que conseguíssemos chegar a uma maquilhadora, que com um pouco de conversa, calma e alguma persuasão conseguimos gastar na caracterização apenas 60€. Sendo assim, até este momento tínhamos duas obrigações financeiras: 50€ da carrinha, mais 60€ da maquilhadora. Tendo de sobra para manobrar 440€. Algo que, na minha opinião foi bem conseguido.

Em relação às rodagens, penso que as mesmas mantiveram sempre o mesmo ritmo: lento. Foi durante toda a semana que as rodagens apresentavam uma lentidão, pois havia a necessidade de haver momentos minuciosos. Algo que a mim não competia modificar, visto que era o desejo da realizadora que as imagens ficassem desse modo. Durante as mesmas houve necessidade de alterar o mapa de rodagens, visto que a meteorologia não nos iria ajudar numas filmagens exteriores. Com a atenção redobrada na meteorologia decidimos alterar o mapa de rodagens, sendo possível fazer as gravações desejadas pela Joana e fugir à chuva planeada, que poderia prejudicar as rodagens, caso o mapa de rodagens não fosse alterado.

Em suma, penso que este projecto deu-me uma experiência tão forte e gratificante. Se o tempo voltasse para trás e soubesse do que sei hoje, voltaria a fazer tudo de novo sem arrependimentos. Foi um projecto duro, por momentos, um pouco impossível de ser concretizado. Mas a nossa paixão pelo cinema moveu a Serra da Estrela e conseguimos concretizá-lo. Com esta nota de intenções aproveito para agradecer à Joana Laranjeira pela grande oportunidade de ter sido a sua produtora.

Ana Margarida Sá

Nota de Intenções da Produção

Para este projeto fui convidada para fazer de assistente de realização, no entanto como estava a entusiasmar-me foi-me proposto pela realizadora e pela outra produtora fazer produção conjunta com a Ana Margarida. Para mim foi muito bom não só pelo conhecimento adquirido e o facto de ter conhecido novas pessoas, mas também para o que aprendi a nível de experiência de vida.

Como as rodagens calharam na semana académica, tivemos alguns contratempos, como por exemplo a AAUBI não nos poder emprestar uma carrinha para as rodagens, no entanto no Fundão falamos com várias pessoas e deram-nos a conhecer o Dr. Angeja, este senhor arranjou-nos uma carrinha e ainda nos deu o seu nome para conseguirmos ter comida para a semana das rodagens, claro que implicava ter que ir ao Fundão todos os dias buscar as refeições, mas no entanto foi uma poupança imensa, além disso também podemos servir à equipa comida saudável em vez de sandes.

Com este projeto fiquei a conhecer novos conceitos na área do cinema e a ver ritmos de trabalho de certas pessoas, por exemplo, no Sample do projeto uma coisa que correu muito bem foi o trabalho dos câmaras que iam dando dicas à realizadora e isso ajudou muito a fazer um trabalho mais rápido e preciso, já nas rodagens do projeto mesmo os câmaras eram novos e isso já não correu da mesma maneira e a nível de mapa de rodagens foi um pouco mau, pois como a experiência não era de toda a mesma, os processos de filmagens duraram muito mais tempo e isso fez com que nos atrasássemos muito onde não deveria haver atrasos. Com isto vi que há pessoas que trabalham muito bem juntas e outras que nem por isso, e penso que esse ponto poderá ter enfraquecido o projeto em si.

Outra motivação que tive para entrar neste projeto foi o facto de ter uma narrativa que poderia dar um filme muito bom, penso que com algumas mudanças que teria feito se voltasse atrás, este projeto poderia ser ainda melhor e ter o nível que estava à espera.

Com isto, espero que o projeto fique muito bom e que me dê orgulho de ter participado nele.

Cláudia Bento

Produtora

NOTA DE INTENÇÕES - FOTOGRAFIA

Assumidamente uma narrativa com tons extremamente surrealistas, toma como espaço um conjunto reduzido de décors. São apenas três os lugares em que se desenvolve toda a narrativa: uma sala de espectáculos, um quarto de espelhos e um jardim.

Maioritariamente, a acção vê-se desenvolvida essencialmente na sala de espectáculos; uma dança e um espectáculo são marcados por um ambiente quente que tomámos, enquanto directores de fotografia e através da interpretação do guião, como sendo passível de ser pontilhado de sedução e conquista. Estas cenas foram todas gravadas no Auditório das Sessões Solenes da UBI, um espaço grande e sem qualquer entrada de luz natural e por isso a iluminação foi totalmente criada de raiz;

Para obtenção da ambiência de cor pretendida foi utilizado um Projector de 2000W, com filtro ND e Frost, para dar uma FillLight ao palco; 2 Projectores de 1000W que desenhavam a cruz no chão; e um kit de 500W para trabalhar certos pormenores como a cara das personagens de forma a criar alguma demarcação de sombras e ao mesmo tempo alguns volumes em zonas demasiado escuras para que os personagens não ficassem excessivamente na penumbra durante os seus movimentos. Toda a temperatura de cor, de acordo com os desígnios da Realizadora e em concordância connosco, foi mantida num tom âmbar, quente e acolhedor, dinamizando o tom da cena e do espaço que de outra forma se agigantava em demasia relativamente às personagens.

Na sala de espelhos, para além de haver uma parede só de espelhos do lado esquerdo da cama, o que condiciona toda a construção da cena, a sala possuía ainda uma grande janela no sítio onde foi posta a cama das personagens, ficando assim por detrás desta. Para trespassar o pretendido ambiente de sonho e irrealidade, é construída uma iluminação fria, branca e azulada mas de relativos contrastes. Assim sendo, para além do espaço de filmagem não ser de grandes dimensões, foi utilizado um projector de 2000W, com filtros CTB e Frost, para dar ambiência à cena; dois projectores de 1000W, também com CTB, a incidir directamente na cama; e o kit de 500W para dar ênfase a certos pormenores como brilhos no cabelo de forma zenital, sombras em determinados sítios e expressões faciais, mais uma vez criando volumes quando necessário destacar o "objecto" do respectivo fundo.

O último cenário utilizado foi um jardim, filmado no Jardim do Lago, onde não houve possibilidade de uso de qualquer tipo de iluminação artificial uma vez que de acordo com as condições criadas não era possível ligar os projectores no local; assim sendo, a única e possível preocupação foi a utilização de reflectores para dar mais incidência de luz nas personagens e evitar contrastes excessivos e contra-luz indesejados.

Para além de dar mais expressividade à imagem global da narrativa, a fotografia centrou-se essencialmente em realçar toda a irrealidade de um mundo de sonho que dela transbordam e, acima de tudo, a delimitam e marcam. Toda a preocupação insurgente em nós, enquanto grupo, foi agir em concordância com a nossa concepção visual, que achamos conveniente, por estar bem patente em toda a narrativa e explicita nas linhas de um guião que no fundo acaba por ter tanto de real como de fantasioso.

Mariana Silva

Ricardo Madeira

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Dos Elementos às Personagens

O céu, como introdução visual da história, demonstra a ligação com o terreno e o humano, demonstrando uma consciência de um poder superior, eterno, longínquo e inacessível. Uma manifestação do divino, que transcende o ser humano. A imagem do céu, com a citação sobre o Uno, relaciona a citação com o simbolismo deste elemento: o céu como o elemento da Natureza que envolve todos os elementos nela existente, comandados por uma força superior. O céu representa a morada divina, origem do poder criador, regulador, moralizador e gestor do universo. Representa a plenitude da busca humana, o local de perfeição e a morada do espírito.

A segunda imagem é o reflexo de uma mulher a dançar na água. Estes dois elementos unem-se pois o céu está relacionado com a sua ligação com a terra e os seus elementos. A água é movida pelos elementos do céu, que constituem o universo tal como as estrelas, os astros, os trovões e até o próprio vento. Esta imagem está relacionada com o reflexo, com o movimento e com a dança. É sobre a projecção da imagem que se lê a citação sobre os poderes das águas, que como a dança é um poder medicinal para o corpo e para a alma.

O vento é também um elemento fundamental para a comunicação da espiritualidade da história. O vento não se vê, apenas se sente a sua passagem, nos movimentos dos objectos, como no movimento da água ou na respiração. O vento é ar em movimento. No início da história, quando Beatriz contempla as árvores, o vento simboliza a paz, a espiritualidade de Beatriz pela sua respiração meditativa e calma. Beatriz sente apenas os seus movimentos, os seus efeitos, movimenta tudo o que a envolve. É leve, purifica o ar, entre todo o espaço que a rodeia. Também é instável, invisível e inconsciente, move-se continuamente sem sabermos para onde. Conhecemos apenas a sua passagem umas vezes devastadora, como um ciclone, outras vezes como a brisa.

A imagem da projecção da árvore no início da história é crucial para a união de todos os temas e personagens da história. Estabelece uma ligação entre o homem e a

Natureza, entre o profano, o sagrado, o quotidiano e o divino, pode e deve levar-nos a uma interpretação simbólica do cosmos: uma renovação não só da Natureza, mas também da própria humanidade. A árvore cósmica é o eixo em torno do qual o universo se organiza. Nela coexiste o físico e o metafísico, o natural e o sobrenatural, o humano e o divino. Protótipo da evolução vital-da matéria ao espírito da razão, à alma purificadora. A árvore cósmica é não só conhecimento físico, cíclico e contínuo da mãe Natureza, mas ainda como a prefiguração do próprio amadurecimento psicológico, o que implica, sem excepção, os motivos ancestrais do sacrifício e da morte mas também os do renascimento e da imortalidade. A árvore traduz inevitavelmente esse anseio que a Humanidade carrega desde sempre de renunciar às fraquezas, às incapacidades e aos defeitos, buscando a realização espiritual. As árvores humanizam-se pelo seu movimento ascendente, tornam-se símbolos do próprio homem reconhecido enquanto microcosmos vertical (no corpo e no espírito).

A personagem de Gabriel está intimamente ligada com o simbolismo da projecção desta imagem, que inicia a história. Na Sala de espectáculos, o bailarino dança, rigidamente e maquinalmente sobre esta mesma imagem. Neste momento a imagem está projectada no ecrã. No final da dança, o bailarino dirige-se para o ecrã numa posição frontal e acaba a coreografia corporalmente, com os braços em forma de cruz e com uma expressão forte e decidida. A imagem das árvores é uma imagem que está em ascensão com o céu, relacionando estes dois elementos com o poder divino. A imagem primordial da árvore da vida insinua-se, nesta figura, um antever, para além do visível, um imenso e amplo simbolismo da eterna juventude, da regeneração, da sabedoria e da imortalidade, que Gabriel (bailarino), tal como na tradição judaico-cristã, a árvore da cruz, anuncia e inaugura, pela morte de Cristo e pela conseqüente ressurreição, uma segunda criação. O corpo de Gabriel em forma de cruz sobre a projecção da árvore, não representa na história apenas a árvore paradisíaca, substitui-a, anunciando-a como a Nova árvore da vida num novo tempo histórico. O corpo carnal do bailarino, é a personificação de um rei, e a sua alma espiritual personifica-se como profeta.

Na história Beatriz aparece no Pinhal, rodeada a contemplar as árvores. Na personagem de Beatriz, as árvores relacionam-se com o seu instinto feminino de maternidade. Nesta cena do pinhal, faz referência à essência feminina de Beatriz. Na segunda vez que aparece associada às árvores é no espectáculo de Gabriel. Nestes dois

momentos diferentes onde se desenvolvem acontecimentos diferentes, Beatriz e Gabriel aparecem juntos na projecção para simbolizar o início da paixão que Beatriz vai desenvolver sentimentalmente por Gabriel: união entre os dois sexos opostos, que pela lei natural da vida e da procriação possibilita a continuidade da existência. A árvore também simboliza a sexualidade e o pecado. A personagem de Gabriel associa a árvore à sexualidade que é vista pela religião católica como a árvore do pecado e do conhecimento, em que o homem ao comer o fruto da árvore da vida, descobre o seu próprio corpo, os seus órgãos sexuais e a necessidade de se satisfazer sexualmente como meio de libertação e auto-valorização carnal e espiritual, não tendo como finalidade a procriação e a continuidade da espécie. Beatriz é uma personagem que tal como a árvore tem uma essência feminina, o espírito da maternidade, a vontade de ter dentro de si o fruto que continua a vida. Beatriz e a bailarina, as figuras femininas da história, têm em comum a simbologia vinculativa da árvore. De essência feminina, a árvore tem pois em comum com estas duas mulheres o acto sagrado que, desde sempre, assegura a vida: ambas trazem dentro de si, em si, o fruto que continua a existência. Simbolizam o instinto feminino da maternidade.

Na história a bailarina é a única personagem feminina que não aparece associada à imagem visual da árvore. Reflecte a sua personalidade independente e de afirmação e negação do papel imposto pela moral religiosa e social. A sua postura como mulher na sociedade é de liberdade de escolha pessoal e não de uma imposição pelo facto de ter esse dom considerado sagrado e natural de criação e procriação. Para esta mulher a dança, as suas obras artísticas são a sua criação, a sua maternidade sagrada. Cada obra é como um fruto que nasce do seu espírito. A sua alma é a fertilidade e o seu corpo, o veículo que procriará o fruto que brota do seu espírito. A sua obra artística é a prova viva da sua essência e da sua existência. São a sua descendência, que deixará para a história a sua passagem, garantindo a continuidade da sua vida.

IMAGEM

A imagem assume o carácter de uma realidade, é o espelho do nosso mundo. É qualquer coisa que está viva e que no entanto está morta no tempo. As imagens existem em si mesmas, na sua própria percepção. As percepções são imagens que se criam no

plano da matéria, são resultantes do movimento. A fixação dessa imagem contém um passado, um presente e um futuro. Assim, toda a imagem tem movimento, tem uma história que nunca é totalmente real ou verdadeira pois o movimento é tempo que passa constantemente e qualquer registo de uma imagem só é fixada pela memória. Mas a memória também não é um registo fiel da realidade. É a percepção das coisas, um registo virtual, psíquico, que se vai alterando constantemente, conforme a experiência de novos conhecimentos, transformações da vida, criando-nos novas visões e ilusões sobre o mundo. A estrutura desta história, estabelece pontos de relação entre o passado, o presente e o futuro. Desorganiza a continuidade lógica do tempo, compondo as imagens de forma aleatória e imprevisível.

ENERGIA/LUZ

A luz, ou a luz visível como é fisicamente caracterizada, é uma forma de energia radiante. É o agente físico que, actuando nos órgãos visuais provoca a acção, o efeito de ver. Provem da compreensão, assimilação ou percepção visual de tudo o que está presente no mundo exterior, a partir da utilização dos olhos e do cérebro.

Na parte final da história revelo o conceito cinematográfico que a distingue da fotografia. A fotografia nasce da captação da luz. A luz é a primeira matéria enquanto percepção pura. A fotografia é matéria enquanto criação de imagens. Matéria: a sua mobilidade enquanto refacção, reflexão e vibração de luz. Nesse sentido, todos os objectos e toda a matéria, na sua totalidade, são imagens.

O CINEMA

Tendo em consideração as teorias que Deleuze constrói a partir do primeiro capítulo de *Matière et Memoire* de Bergson, podemos afirmar que: “a imagem cinematográfica não é o real, mas o real é movimento e tempo em perpétua relação, é matéria imagem”.

Em *LE BERGSONISME*, analisando a teoria de Bergson sobre a memória, Deleuze diz o seguinte: “o passado e o presente não designam dois momentos sucessivos, mas dois elementos que coexistem, o presente, que passa constantemente, e o passado, que é constantemente, e pelo qual todos passam”.

Utilizo o cinema para fazer o espectador pensar sobre a ontologia do cinema (o que é o cinema?). Enquanto o espectador percebe o filme sentado numa sala de cinema pode também sentir a história como uma realidade contada auto-reflexivamente. Quando no final de *Reflexos* vê as imagens projectadas no ecrã ao som do ruído da película, toma consciência que assistiu realmente a um filme e a uma história manipulada. Acorda do sonho em que viveu por momentos e assume o filme como um espelho da própria realidade. O cinema pode ser, assim, uma forma de expressão sobre a sua própria linguagem, através da exposição do cinema dentro do próprio cinema.

O cinema capta a atenção pela tecnologia, pela luz eléctrica, pelo movimento, pelos cortes, pela montagem, pela manipulação racional de tentarmos a partir da imagem e da assimilação de conhecimento, da percepção e da criatividade construir uma narrativa, um sentido ou simplesmente comunicar a nossa criatividade. As imagens são memórias, percepções que podem ser ordenadas conforme as nossas intuições subconscientes sem uma lógica coerente ou racional. A nossa memória coleciona essas imagens. A imagem é matéria de expressão criativa.

Esta ideia está presente na própria essência do cinema: projectar imagens sucessivas em movimento captadas da realidade e da vida, tendo a capacidade de manipular essas imagens e dar várias visões de uma suposta realidade de alguém para outro alguém. O cinema é a mais simples e complexa representação da alma humana e o mais fiel registo das memórias e percepções que retemos ao longo da vida. A imagem tem, no entanto, uma consciência própria e não é fruto somente da nossa mente.

A DANÇA

- “Dançar faz parte da essência da alma, o corpo, foi criado para o movimento, dançando bem ou mal (segundo as técnicas) ..., A dança é inata a todo o ser humano.”

Evelin Danzi

- “Aproxima e confronta porque oferece a possibilidade de atingir o sagrado e o infinito...”

Julio Bocca

- “Um modo de “Ser- no-mundo”, a expressão da unidade orgânica do homem com o universo.”

Rolando Toro Armanda

A dança é uma forma de conhecer o mundo, uma forma de auto-conhecimento. Representa a cultura, a sociabilidade, o prazer de conhecer as pessoas e o mundo. É a arte do movimento e do espaço. O movimento é a origem de todo o ser e o elemento básico da vida. O movimento reflecte a personalidade das pessoas e é o elemento principal da dança. A dança é o retrato puro da vida, é o retrato dos acontecimentos do mundo, é o círculo dentro do qual vibra o corpo humano. É uma linguagem universal, pois torna possível contar uma história com início, meio e fim. Através dos movimentos dançados, vencemos as barreiras da língua e falamos através das emoções. É a arte do movimento e da expressão e o corpo humano o seu instrumento primordial.

A dança é a primeira manifestação artística que “explora” o corpo expressando as sensações a partir da consciência sonora (representação). A dança está ligada à sensualidade, à sedução. Procuro com esta manifestação artística reflectir o estado psicológico das personagens. É a manifestação artística mais capaz de exprimir tanto as fortes quanto as simples emoções sem o auxílio da palavra. A dança é a arte do tempo e do movimento no espaço. É a partir da descoberta da consciência do corpo que as personagens da história revelam a sua personalidade procurando na dança esse autoconhecimento. É com este pretexto que introduzo a dança no meu trabalho, a manifestação artística através de um corpo real em união com o cinema em que o corpo é essa mesma matéria reflectida, projectada na tela.

DANÇA E CINEMA

A percepção do movimento transforma-se através da percepção das relações do nosso corpo que se move com outros corpos que se movem. Cinema e dança estabelecem pontos de ligação que se apoiam no corpo, na mente, no gesto, no movimento na memória e na percepção.

O Corpo, em constante movimento, esculpe o espaço, criando um lugar onde observamos a interacção entre a dança e o cinema, ponto de convergência entre a

tridimensionalidade do corpo e a bidimensionalidade da tela. O cinema potencia outras possibilidades da dança para além daquelas possíveis ao vivo, por exemplo, através do uso da câmara lenta e dos cenários transparentes, que redimensionam a relação espaço-temporal dos espaços cénicos convencionais. A arquitectura dá-nos a noção de espaço para nos movimentarmos e não para nos sentirmos perdidos. É possível criar com a arquitectura a transfiguração dos espaços naturais em espaços cénicos. Com o adido do cinema, a condição de permanência espaço-temporal das obras de natureza cénica pode ser transformada, tornando possível à cena apresentada no palco ganhar outro tipo de duração. Nos filmes ou vídeos de dança é possível observar imagens de dança que não podem ser vistas no palco, reformulando o espaço e o tempo, assim como apresentando uma nova narrativa, agora mais fragmentada e não mais linear. A continuidade do movimento, no corpo do bailarino, é combinada com a descontinuidade espacial, efeito conseguido através da alternância contínua dos cenários. Outra importante questão é o rompimento da frontalidade, da quarta parede, que o cinema permite. Claro que a frontalidade está mantida pelo próprio aparato cinematográfico, que implica em si mesmo um determinado tipo de exibição. Porém, perceber toda a movimentação realizada na captação é expor ao espectador, pela via da montagem, um espaço onírico que desestabiliza a extensão físico / arquitectónica enquanto mantém a expressão coreográfica.

A vida é a energia dentro de um espaço físico e a arte está presente em todos os espaços da vida. A acção da luz e das cores e as suas interacções com o espaço e o movimento, a percepção do corpo e, em especial do corpo em movimento, permitem, ao dançar, esculpir a luz. O papel da luz e das cores permite relações específicas entre movimento e espaço, fazendo emergir a dança como arte performativa. O papel da luz e das cores permite relações específicas entre o movimento e o espaço, fazendo emergir uma dança esteticamente influenciada pela luz e pela imagem assim como pelo cinema. No caso da dança, temos o impacto da iluminação a gás e da electricidade, que também viabiliza o espectáculo cinematográfico. O próprio audiovisual é, dessa maneira, um factor central de mudança.

ESPETÁCULO/ TEATRO

Quando procuramos ver o nosso corpo-matéria, procuramos um entendimento e uma relação entre esse conjunto, mas esse conjunto de imagem (corpo) e alma (espírito é

muito difícil de compreender e de aceitar, pois pertencendo a um corpo também podemos agir fora dele e aí se encontra toda a explicação. Tudo é simples e está diante de nós e dentro de nós.

O espectáculo como representação e transfiguração do mundo, altera a percepção da realidade e da vida das personagens. A representação é uma espécie de purificação da alma das personagens, uma busca pela loucura, uma liberação do corpo, das emoções.

Os elementos que compõem a acção descrevem as atitudes, as movimentações e as posturas corporais dos personagens através da música, da pintura, da arquitectura, da iluminação, do mobiliário usado na representação, da maquiagem, da sonoplastia e das máscaras. Os actores utilizam-nas para se transfigurarem e separarem a sua verdadeira identidade da identidade da personagem que querem encenar, para esconder o rosto e a alma. A máscara é possivelmente o mais simbólico elemento de linguagem cénica na história do teatro. A máscara no teatro cria mistério, esconde o rosto, tem a sua própria alma. A máscara visa revelar e fixar o rosto eterno, incorruptível e supratemporal. A máscara não é um simples adorno, corresponde ao verdadeiro rosto do indivíduo, a face do seu espírito eterno, a beleza da sua alma. É nesse sentido que a máscara é um encontro face a face sem truques ou corrupção da verdade, não tem o propósito de esconder, mas sim de revelar. O uso da máscara é, neste sentido, um veículo de libertação. Está associada à experiência espiritual e ritualista, permite ao actor enfrentar, encarnar ou assumir uma determinada força ou poder. Está também associada à folia, à embriaguez, ao êxtase, à música, à dança e ao prazer sexual. Através da entrega ao êxtase, a libertação do que está oculto, fechado, por detrás da máscara é possível. O indivíduo rompe, solta e solta-se das suas próprias barreiras. A máscara não é apenas um disfarce ou uma forma de ocultação da identidade, mas um potenciador da libertação do eu enclausurado.

REFERÊNCIAS

As referências, cinematográficas e literárias que me foram influenciando ao longo da minha vida, foram comunicadas inconscientemente no meu trabalho artístico.

As obras artísticas que me marcaram, como pinturas, livros, músicas e danças, são imensas e não têm uma referência objectiva e directa com a criação da curta. São imagens que crescem no espírito registadas inconscientemente na memória.

Os sonhos, os objectos, a vida, as pessoas e as experiências que vivi são as minhas próprias referências. A minha personalidade coleciona as imagens que aparecem e quando voltam a aparecer não são imagens concretas mas sim abstractas. Deixaram de ser referências, mas memórias dessas recordações escondidas que foram transfiguradas e esquecidas pelo tempo.

Pretendo emancipar a imaginação de todas as limitações impostas pela razão ou por factores de ordem social, ou cultural. A minha criação artística pretende resultar da minha experiência psíquica do inconsciente.

Estes são alguns dos princípios que poderão caracterizar o processo de realização da minha curta-metragem. Caberá ao espectador relacionar o sentido do filme com referências que ele próprio assimilou inconscientemente, partindo do princípio que a ideia e a originalidade nunca nascem sozinhas.

Apesar de tudo, é notória a associação do meu processo de trabalho ao movimento surrealista, marcado pela associação livre de ideias e por processos automáticos de criação, mais próximos do instinto do que da razão.

O realizador que mais me influenciou foi David Lynch, principalmente através do filme *Mulholland Drive*. As semelhanças estão relacionadas com o facto do espectador nunca ter a certeza se os personagens são reais, imaginários ou oníricos, tal como acontece no meu filme.

Outra referência mencionada mais do que uma vez por colegas que assistiram ao meu trabalho, neste caso uma referência literária, é a personagem James O. Incandenza, do livro *"Infinite Jest"*, em português *"A Piada Infinita"*, do escritor suicida norte-americano David Foster Wallace. James Incandenza era um cineasta pós-modernista pouco

convencional e experimentalista, cujos filmes eram pouco conhecidos ou apenas seguidos por uma pequena legião de admiradores. Nalguns dos seus filmes o espectador de cinema também entra ou participa no filme, é visto como uma personagem-espectador, da mesma forma como eu vejo por vezes o espectador do meu filme, conforme mencionado na secção Nota de Intenções da Realizadora neste relatório.

São para mim uma referência todas as obras que procurem revelar o inconsciente profundo do espírito, baseado na liberdade e na irracionalidade, na exploração do sonho, da metáfora, do inverosímil e do insólito, contribuindo para a elevação do espírito e separando-a da matéria.

O erotismo, o onírico e o sonho são referências implícitas no meu trabalho. Abordo as forças ocultas do inconsciente de uma forma quase naturalista e os meandros da psique humana masculina e feminina no que respeita aos seus medos e pulsões sexuais. Procuro alcançar a transcendência do real, pela associação de imagens ambíguas e irónicas e pela revelação de atmosferas intemporais e enigmáticas.

PRÉ-PRODUÇÃO

HISTÓRIA

Beatriz faz uma viagem acompanhada por uma mala onde guarda alguns pertences. Nessa mala ela leva alguns objectos pessoais e sentimentais. Objectos que têm um grande valor simbólico e sentimental. É neles que ela procura uma relação íntima, são as suas memórias, paixões e companhia. São estes objectos com que ela se identifica que lhe suscitam curiosidade sobre a vida, pelo mundo e pelas pessoas. Sente necessidade de partilhar o seu mundo com o mundo de alguém. Existe outro espaço para além do seu horizonte que está limitado pela sua percepção e visão, outros horizontes onde existem mais vidas, outras imagens, outras visões e percepções do lado oposto, que a sua visão e a sua percepção não conseguem alcançar. Beatriz vive isolada num mundo idílico. As árvores, a água o céu são o mundo que conhece: um mundo natural onde a espiritualidade é divina. Todos estes elementos são símbolos da vida, em perpétua evolução e em ascensão para o céu. Procura pessoas, seres que vivam, que respirem, que sintam e que a façam sentir que não está só no mundo e que ainda tem muito para descobrir no mundo social em que a vida e as pessoas se confrontam e se reconhecem. Não estamos sós com os nossos pensamentos e para existir é preciso experienciar, tocar, mover, ver, sentir e amar.

Existem, para lá do seu reflexo, mais reflexos, mais corpos que se movem noutros espaços, outras almas que respiram pensam e vivem outras realidades. A natureza, os sons do vento, os movimentos das árvores e da água são corpos dançantes que expressam a sua alma pelo movimento. São corpos dançantes que a envolvem e dançam com ela.

O movimento é um fenómeno que está ligado ao som e à imagem. Os corpos ao se moverem criam sons, musicalidades e quando pensados e consciencializados pelos nossos sentidos podemos explorar os nossos sentimentos pela expressividade corporal, como uma forma inata de comunicação.

Beatriz toma essa consciência pela observação dos elementos que a rodeiam e vê o seu corpo exterior a si, no reflexo da água que se movimenta e movimenta o seu corpo. O

corpo foi criado para o movimento e dançar faz parte da essência da sua alma. A dança liberta-a e acalma o seu espírito ansioso por conhecimento. Quer descobrir outros corpos outros movimentos outras almas dançantes. É através da dança que ela procura o seu auto-conhecimento mental: reflectir a sua alma no seu corpo, senti-lo, pensá-lo transmiti-lo e comunicá-lo. Ela vê o seu corpo no reflexo da sua imagem mas não o sente como seu. Para conhecer o seu corpo tem de conhecer o seu espírito, saber quem é, tem de sair da sua matéria e observar-se a si mesma. E para se conhecer tem de conhecer os outros, saber quem é, sair do seu mundo isolado, do seu mundo particular, crescer e compreender o mundo compreendendo a alma e o corpo. Ver o seu próprio reflexo no reflexo do mundo, ver o seu corpo no corpo dos outros e poder comunicar com a consciência da sua expressão corporal, criar o seu próprio ser no mundo.

A água tem um significado bastante importante: para além do seu som a acalmar, dança com ela, transmite-lhe vida e movimento. Beatriz observa a água que corre numa cascata como o passar do tempo incessante à espera de ver o reflexo de outro corpo com outra alma que a observe e a faça sentir um ser contemplado. A água escorre da cascata, o tempo passa e Beatriz encontra-se perante a cascata com a mala a seu lado, introspectiva à espera que algo aconteça e que o pensamento a leve a algum lugar. O tempo passa. É a sua primeira viagem e o seu primeiro encontro. Um velho aproxima-se questiona-a. Ela fala com ele. Beatriz ouve o som do vento e da água, só a mente está viva. O corpo está estagnado preso à gravidade, tem medo de agir. A sua mente flutua sozinha, transporta-a para outro tempo e para outro espaço. O espaço muda.

Um bailarino dança sozinho em cima de um palco à frente de um ecrã onde são projectadas imagens de árvores. As árvores fazem parte do mundo idílico de Beatriz. O bailarino acaba de dançar e Beatriz está sentada sozinha na plateia a contemplar um corpo desconhecido que se move sozinho e seguro. O seu único reflexo é o reflexo mental da personagem que cria os seus próprios movimentos dançantes pelo seu auto-conhecimento corporal. O bailarino confronta-a, questiona-a, ela diz-lhe que procura o corpo e ele diz-lhe que procura a alma. Beatriz sente-se atraída pela sua postura segura e pela sua voz calma e sedutora. O espaço em que se encontram é uma sala de espectáculos. Um espaço fechado, um cenário criado para a representação. Beatriz sente-se num espaço particular, distante do seu mundo natural, num mundo fictício ao qual o Bailarino pertence. O bailarino é um personagem teatral, domina as suas atitudes e os seus comportamentos e manipula a sua

personalidade conforme as suas intenções e crenças. Para ele a espiritualidade brota da sua própria essência, dentro de um mundo interior em que ele determina e limita as suas próprias barreiras e cria as suas próprias convenções arrastando consigo as almas que procuram o seu corpo. É uma figura nocturna, vampírica, seduz Beatriz para obter a sua confiança. É bastante observador e compreende a insegurança dela pelos gestos corporais e pela sua voz insegura. É uma personagem mítica e narcisista, utiliza o seu próprio corpo como forma de sedução e persuasão para “atacar” a sua vítima. Beatriz sente-se fascinada pela segurança e imagem corporal do bailarino aceitando aproximar-se dele e deixar-se seguir pelos seus passos. É nesta altura que Beatriz se aproxima e demonstra confiança nele ao se descalçar e se apoiar no seu corpo. Ele tem a sua primeira atitude de rejeição para com ela empurrando-a deixando-a cair no chão. Ela estranha a atitude do Bailarino e desconfiada volta a deixar-se seduzir e a se entregar novamente a ele. Gabriel, segura Beatriz, transportando-a e dirigindo-a para a frente do ecrã onde a deita e a adormece. Fala sobre o corpo e a alma.

Beatriz acorda subitamente noutra espaço com uma mulher ao seu lado que a beija. Ela encontra-se num Quarto de Espelhos, deitada com a mulher a acariciarem-se sedutoramente, como dois corpos a dançar sobre uma cama e enlaçam-se conforme a intensidade dos seus olhares que se confrontam como se não se conhecessem, mas se sentissem atraídas psicologicamente. A mulher beija Beatriz e ela adormece acordando na Sala de Espectáculos com o bailarino.

Beatriz sente-se confusa em relação ao que a rodeia. Não consegue perceber o que lhe está a suceder, perdida no espaço, no tempo e nos acontecimentos. O bailarino dirige Beatriz para um novo espaço, também este é um quarto de espelhos. Dirigem-se para a frente dos espelhos, observam-se e conversam sobre os reflexos visuais e sobre os materiais que reflectem o corpo. O bailarino tem uma relação muito forte com o espelho como Beatriz tem pela água. Os dois falam sobre as diferenças entre os reflexos da água, elemento reflector do mundo de Beatriz e o espelho, elemento reflector do espaço oculto do Bailarino. É neste momento que conversam sobre a imagem visual que transmite os seus reflexos e os seus pensamentos. Beatriz sente-se cada vez mais atraída e comprometida pelo bailarino como se lhe entregasse a sua própria vida, sente-se segura e protegida. Neste encontro, estas duas personagens, pertencentes a espaços e realidades diferentes, unem-se, afastam-se e complementam-se. Ambos têm uma grande admiração

pelo corpo, pela imagem visual, mas encaram a forma de se observarem e conhecerem de forma diferente. Beatriz é insegura em relação a si e ao seu corpo. O bailarino é auto-confiante e percebendo o sentimento de Beatriz em relação a si, aproveita-se da sua carência e fraca auto-estima para conseguir prazer carnal. Beatriz, seduzida por ele, deixa-se envolver sexualmente na esperança de encontrar o seu sentido para a vida. Pela primeira vez, ela tem um contacto corporal bastante intenso ao ponto de a tornar submissa perante as atitudes deste homem que não conhece nem compreende, mas por quem nutre um sentimento muito forte, sentindo como se a sua alma lhe pertencesse. Motivada pelo desejo, deixa-se encaminhar para uma cama, onde o Bailarino se torna perverso e manipulador. Beatriz beija-o apaixonadamente e ele rejeita o seu carinho pressionando-a para lhe fazer sexo oral. Beatriz, levada pelo desejo, revela o seu amor por ele e intrigada questiona-o sobre a sua atitude, fria e distante. O bailarino volta a conseguir a sua confiança com o seu discurso no seu tom irónico e persuasivo. Ela movida pela paixão, satisfaz a vontade do bailarino, como forma de o conquistar. No momento de exaltação sexual, os personagens desaparecem por uma ausência de imagem e som abruptos.

Novamente Beatriz acorda sozinha alienada e distante do mundo exterior, no mesmo quarto de Espelhos, com o seu único vestido preto a seu lado. Levanta-se e dirige-se à sua mala aberta, que revela os acessórios que lhe pertencem. Retira-os da mala e perante o espelho, coloca uma máscara sobre o rosto, observando-se. Levanta-se e dirigindo-se ao espelho cola um desenho de um bobo com pensos curativos, onde se lê uma frase. Esta citação reflecte o estado de espírito de Beatriz, um momento presente que já estava renunciado no seu passado. Dirige-se novamente à mala e retira uma máscara azul, brilhante e bela. Coloca-a sobre o rosto e contempla-se sentindo-se identificada com a máscara que lhe transmite força e autoconfiança. O rosto de Beatriz desaparece na imagem.

Uma luz acende-se num espaço musical. Uma bailarina começa a dançar subitamente. Dança de forma espontânea e misteriosa, movimentando-se por um espaço limitado. Os seus movimentos são desconcertados, repentinos, insertos, inseguros e aleatórios. Como se renascesse um novo ser. Um ser transcendental. Borboleta desorientada que sai repentinamente do casulo descobrindo um novo corpo e espaço. Enquanto dança os seus movimentos corporais inseguros, insertos e desequilibrados

transformam-se em movimentos mais seguros e equilibrados, libertam o seu corpo que lhe dá um novo espírito, uma nova consciência de uma nova realidade. Com esta nova visão do reflexo do espaço que a rodeia, ela procura interagir como seu novo corpo movimentando-o e gozando do seu espaço virtual, ficcional e por isso limitado. Os movimentos presos tornam-se fluidos e pensados com a evolução do seu auto-conhecimento corporal e espiritual. Deixa o seu corpo descontrair e fluir encontrando beleza e sedução no seu próprio corpo. A dança termina com a bailarina numa pose firme e sensual que revela a sua essência, como uma saudação, um agradecimento pela descoberta da vida. Beatriz bate palmas. Incrédula, observa a bailarina que retira do rosto a sua máscara azul. Beatriz tem um flash espiritual de imagens onde visualiza a bailarina a beijá-la, associando a imagem da mulher que a seduziu ao beijo do bailarino que a seduziu no mesmo espaço físico.

Novamente, vê-se a imagem da cascata. Beatriz conversa com o velho a seu lado, sobre a sua viagem e os seus pensamentos existenciais. Ele faz uma auto-reflexão sobre o conhecimento que obteve sobre a vida. Ela repara num livro que está pousado em cima da mala, "Elogio da Loucura".

Aparece um ecrã de cinema com várias imagens aleatórias e sucessivas dos vários espaços visuais e mentais das personagens que registam as imagens dos vários acontecimentos e vivências das personagens com quem Beatriz se relacionou ao longo da sua viagem: as memórias sobre a viagem de Beatriz. Estas memórias estão registadas em película. São imagens e acontecimentos registados e captados por um aparelho científico. Os reflexos mentais e visuais das personagens tornam-se matéria física. Materializam as imagens do inconsciente. Revelam uma existência física que pode ser visualizada, pensada e percebida por um outro observador que não tenha percorrido e experienciado esta viagem física e espiritual. Este observador é o espectador que se situa do lado oposto ao ecrã. Vê o seu próprio reflexo a partir do reflexo das imagens das personagens da história, imaginando e criando a sua própria história sobre os acontecimentos.

PERSONAGENS

BEATRIZ

Beatriz é uma jovem que vive à margem da sociedade, isolada num mundo de fantasias sendo a Natureza e os livros o seu refúgio. Psicologicamente caracteriza-se como uma jovem curiosa, insegura, introspectiva, intuitiva, sonhadora e aventureira. Tem crises existenciais que a levam a questionar-se sobre o mundo, a vida, as pessoas e sobre si própria. Não se identifica com o seu corpo e não sabe qual a sua verdadeira identidade.

GABRIEL

Gabriel é um bailarino de trinta anos, sedutor com uma personalidade forte, narcisista, manipulador, e perverso. A sua personagem encarna a figura de um homem que tenta persuadir Beatriz através de profecias bíblicas para atingir o seu objectivo e aproveitar-se sexualmente dela. Gabriel considera-se a si mesmo como um profeta que tenta dar outro significado aos conceitos bíblicos. Utiliza a dança como veículo para se expressar desconsiderando o amor e a procriação, tirando partido do sexo para a sua satisfação pessoal. Esta personagem assume uma ligação ao mito do Narciso, um rapaz vaidoso que se ilude com a sua própria imagem, que atrai a atenção de Beatriz embora a despreze.

BAILARINA

É uma mulher misteriosa, com uma personalidade forte, segura em relação a si e à vida, tem uma atitude dominadora em relação a Beatriz. É sedutora, com grande auto-estima e um grande domínio sobre a sua personalidade tornando-se uma mulher misteriosa. É decidida, determinada em relação à vida.

VELHO

É um homem calmo, maduro. Simboliza a sabedoria. Esta personagem pode-se considerar como a encarnação do livro Elogio da Loucura. Mantém uma relação espiritual com Beatriz que não o chega a conhecer e a descobrir se ele realmente existe.

FOTOGRAFIA

Baseado no tema da curta, a iluminação teria como função recriar ambiências surrealistas. Luzes frias, brancas e azuladas no quarto de Espelhos a contrastar com a iluminação quente na Sala de Espectáculos. Em relação à iluminação do exterior, os ambientes pretendiam ter uma iluminação mais sóbria e natural. Sendo a imagem e a iluminação um dos aspectos mais importantes do meu trabalho, a valorização, qualidade e expressividade da imagem da curta-metragem "Reflexos", poderá definir-se como "poesia visual".

SOM (algumas das ideias precedem a mistura final)

Relativamente ao som e à música a minha finalidade é criar uma relação forte com a imagem para comunicar climas de mistério, unindo o impacto sonoro com a imagem para expressar as sensações, as emoções e os pensamentos dos personagens e para substituir os diálogos criando juntamente com a imagem a narrativa da história.

A música e o som servem também como ligação das várias cenas para dar continuidade e fazer a ligação dos acontecimentos que mudam constantemente para espaços diferentes, utilizando a técnica do "Overlap".

Nas paisagens Naturais, na cena do pinhal e da cascata, o som do vento, da água e o próprio silêncio têm como objectivo criar introspecção e espiritualidade. Na sala de espectáculos a dança é sem música, procuro fazer a música com a própria coreografia do Gabriel, com o som dos pés e dos passos que criam um ritmo entre as batidas dos pés e o silêncio. No final da dança do bailarino ouvem-se as palmas de Beatriz e todos os diálogos entre os dois. A música aparece novamente baixa e lentamente enquanto ele adormece Beatriz. Ouve-se o seu respirar, passando-se depois a uma evolução lenta e gradual que se começa a ouvir na próxima cena, no Quarto de espelhos (tal como fizemos para o Sample, para dar a sensação de sonho). A música destas duas cenas é a que já está feita e também é não diegética, tem como intenção unir esta cena à próxima quando se faz a mudança de espaços entre a Sala de Espectáculos e o Quarto de Espelhos para criar continuidade e ligação entre uma cena e outra. Quando volta à cena da Sala de espectáculos eles falam e dirigem-se ao Quarto de espelhos onde conversam e fazem sexo oral. Quero realçar os diálogos e os sons sexuais. Quando termina esta cena e aparece um plano neutro que é branco, queria um som abrupto e frio para terminar a cena e criar impacto. Na cena em que Beatriz acorda sozinha no Quarto de Espelhos e se dirige à mala onde coloca as máscaras decidi-me por uma música não diegética, que transmita introspecção como se ela estivesse a tentar descobrir e perceber quem realmente é, procurando nas máscaras uma outra identidade. No momento em que ela faz caretas ao espelho gostava de dar mais ênfase às expressões, tirando proveito do silêncio como efeito de expressão dramática para criar apreensão na audiência, utilizando desta forma o som Interno Objectivo. No momento em que ela cola no espelho o desenho do Bobo com pensos queria transmitir

uma espécie de sensação de loucura e isolamento da personagem. Pensei, por isso, numa música ou som que pudesse transmitir esta sensação para tornar a imagem mais forte e com mais ritmo, para não tornar muito monótona toda a cena. Em relação à possível utilização do som poderá ser o som da respiração, de batimentos cardíacos ou uma música que transmita as sensações que citei em cima. O som e a música não deverão retirar a importância à imagem para que a citação não perca relevância. Quando ela coloca a máscara igual à da bailarina, o plano comunica a afinidade e a relação com a bailarina. Na parte em que se passa deste plano para a cena da dança da bailarina ainda não sei, qual será a melhor forma de fazer a relação. Uma das hipóteses que pensei será enquanto ela aparece a colocar a máscara e aparecer com a máscara no rosto, a música da dança da bailarina começar a ser prenunciada, começando a música numa parte final ou algum som musical de um momento significativo da música e acabar um pouco antes de mudar para a cena da dança da bailarina. A cena da dança inicia-se com a luz da Sala de Espectáculos a acender e a bailarina a começar a dançar. Nesta cena quero a dança e a música até ao final terminando com o som das palmas e a bailarina a retirar a máscara do rosto. Nas imagens sucessivas do beijo da bailarina e do Gabriel pretendia que a música transmitisse uma sensação de sonho, de confusão e mistério, oscilando entre o real e o irreal, a verdade e a imaginação. Na última cena de Beatriz com o Velho na Cascata, a intenção é transmitir que a personagem do Velho poderá ser uma personagem fictícia que personifica o livro "Elogio da Loucura". Nesta cena, para conseguir transmitir esta ideia, talvez utilize o som das vozes dos diálogos com algum efeito especial, na voz do Velho ou da Beatriz, utilizando o Som Meta Diegético. A forma como Beatriz percebe esta conversa vai-se alterando unicamente para a repetição consecutiva das palavras como reflexo subjectivo do seu estado de espírito perturbado. No entanto, este discurso pode expressar-se sob a forma de qualquer tipo de som, surgindo normalmente como um exagero de sonoridades do universo diegético. No entanto, na primeira cena da curta em que aparece o Velho e a Beatriz pela primeira vez a conversar, a intenção é fazer o espectador pensar que é um momento real, logo enquanto Beatriz está sozinha a observar a cascata o som será da cascata e do ambiente que a envolve, e quando o Velho se aproxima e conversa com ela as vozes corresponderão ao real, mostrando-se a personagem fictícia do Velho só na última cena em que aparecem juntos.

Na primeira cena do filme, em que Beatriz está no Jardim, (pinhal), ela passeia introspectiva ouvindo o som do vento como se fosse o sopro da alma, transmitindo, assim,

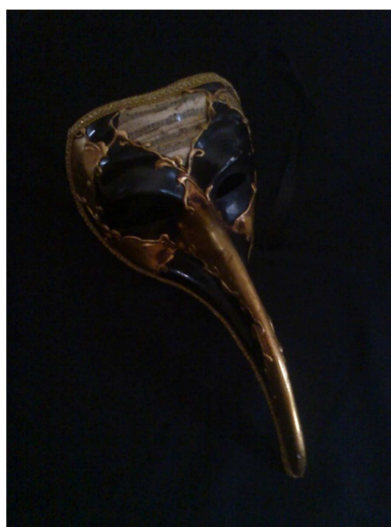
espiritualidade à cena. A transição desta cena para a Cascata é feita através do som da cascata que começa no final desta cena no jardim e continua com maior intensidade para a passagem da imagem da Cascata, introduzindo aqui também o conceito de "*Overlap*".

Na cena final do ecrã de cinema que passa imagens sucessivas e aleatórias o som deverá ser da película introduzindo unicamente a voz de Gabriel quando ele diz:- "o corpo". Quando no final se vê novamente o reflexo de Beatriz a dançar na água e se lê a citação de Sartre a música poderá iniciar quando a imagem começa a desaparecer e começam a aparecer os créditos. Esta música gostava que fosse a mesma que foi criada para o início da curta quando aparece o céu e o reflexo de Beatriz na água com as citações. Esta música poderá ser a que já esta feita ou então outra mas que seja melódica e transmita espiritualidade, calma e descontração.

Estas são as minhas intenções para conseguir transmitir a ideia da curta que se baseia no conceito do sonho do que poderá ser real ou irreal, verdade ou imaginação criando mistério e levando o espectador a se sentir confuso e não perceber exactamente qual o espaço, o momento e situações reais. A última cena do ecrã de cinema é a única e possível verdade, pois é o registo, reflexo e materialização da memória, as imagens dos acontecimentos registados e fixados na tela.

Adereços









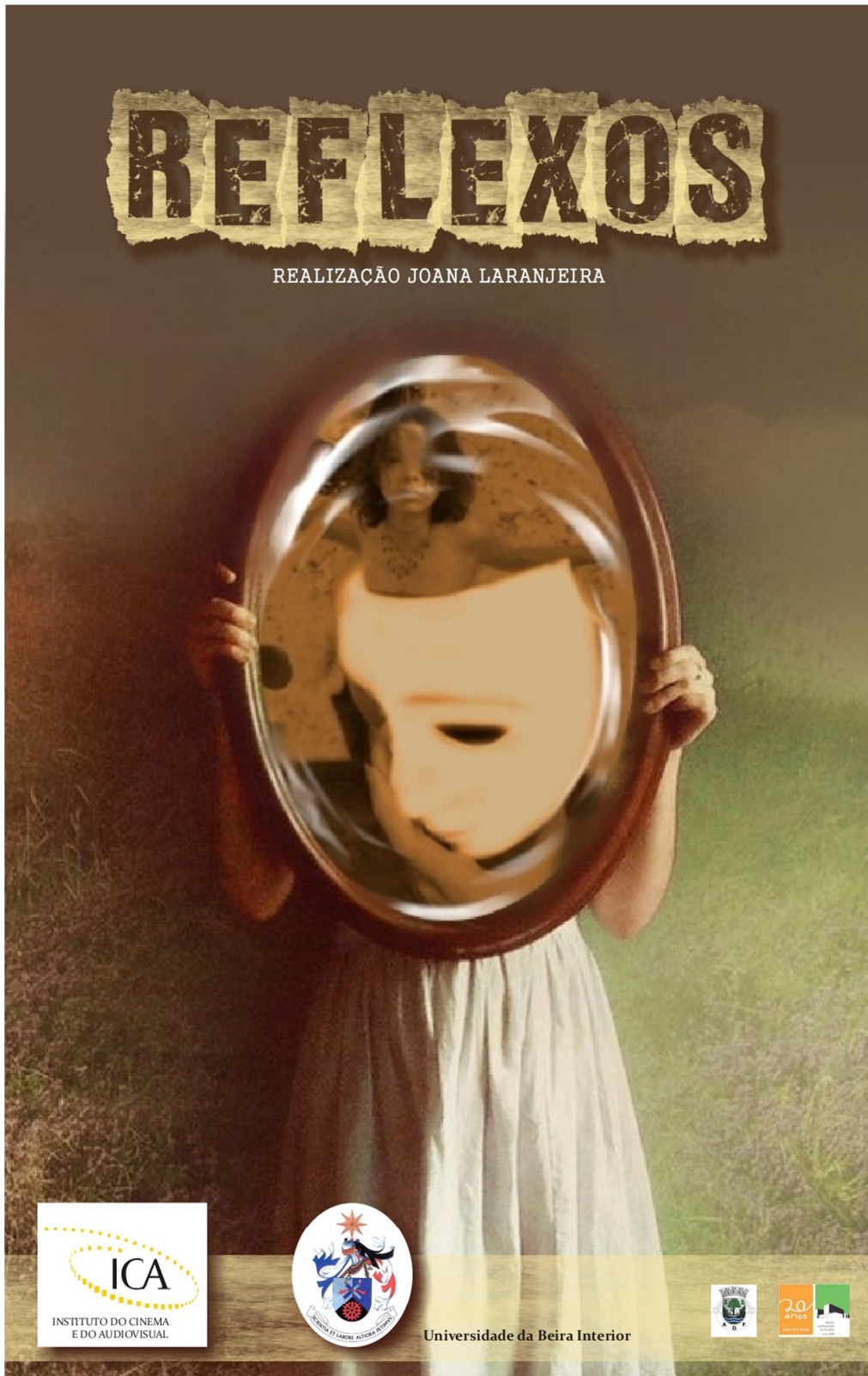






PÓS-PRODUÇÃO

Cartaz



Conclusão/Aprendizagem

Neste projecto final de Mestrado na área de Cinema em Realização, acabei por chegar à conclusão que é uma área bastante interessante porque abrange várias áreas artísticas em que eu sempre me interessei, as quais não pude desenvolver. Com o cinema tenho a possibilidade de aproveitar todos os meus conhecimentos artísticos (dança, artes plásticas, música, poesia e teatro), inclusive aquelas artes das quais por uma razão ou por outra já tinha abdicado. Ter realizado “*Reflexos*” permitiu-me voltar a envolver-me em todas estas artes de que sempre gostei, na teoria e na prática. Por outro lado, também me apercebi de que prefiro a criação à técnica.

Também aprendi que em cinema trabalhar em grupo é essencial. Tendo já praticado outras artes individuais, foi para mim uma surpresa o quão dependentes de outras pessoas podemos estar quando nos envolvemos na realização cinematográfica. Cinema é uma área muito difícil de trabalhar por envolver muitas pessoas, o que leva a que o nosso trabalho dependa desses terceiros, ou seja, se um dos técnicos não tiver feito um bom trabalho, a qualidade do meu projecto vai-se ressentir.

Em realização temos de ser metódicos e intransigentes. Nesta experiência pessoal em que realizei uma curta-metragem não nos podemos deixar influenciar facilmente, sob pena de chegarmos ao fim com um trabalho diferente daquele que queríamos inicialmente. Por outro lado, foi essencial a organização: qualquer das minhas acções que não tenha sido planeada ao último milímetro acabou por correr mal.

Para a realização da curta tive bastantes dificuldades, em questões técnicas, organizacionais e apoios. Aprendi que tenho que ser bastante autónoma, persistente, exigente paciente, e compreensiva. Para que todo o processo de trabalho não seja maçador é necessário uma equipa unida e coesa para que o projecto fique com qualidade e o resultado final seja o pretendido.

Bibliografia

Erasmus De Roterdão, O elogio da Loucura (Lisboa: Guimarães Editora, 2001)

Yukio Mishima, O Templo Da Aurora (Lisboa: Editorial Presença, 1987)

Jean- Paul Sartre, A Náusea (Porto: Público, 2003)

Jean Wahl, As filosofias da existência (Lisboa: Europa-América, 1962)

Missionários Capuchinhos, A Bíblia Sagrada (Lisboa: Difusora Bíblica, 1976)

José Manuel Ferrão, História da Arte 12 (Lisboa: Didática Editora, 1998)

Webgrafia

[http://www.infopedia.pt/\\$ceu;jsessionid=sjU-Y7yisWjSTC2i8ZzWog](http://www.infopedia.pt/$ceu;jsessionid=sjU-Y7yisWjSTC2i8ZzWog)

http://www.nova-acropole.pt/a_simbolismo_arvores.html

<http://filosofiadaarte.no.sapo.pt/espelho.html>

<http://www.significadodossimbolos.com.br/busca.do?simbolo=%E1gua>

ANEXOS

Currículos dos Actores

Currículo Artístico Beatriz Lacerda



Formei-me em teatro na escola profissional Balleteatro no Porto em 2011. Durante o curso participei em várias peças de contexto académico. Encenei, em parceria com uma colega uma peça centrada em sensações em que o público estava sempre de olhos vendados e encenei e interpretei uma outra que apresentei no Hard Club do Porto. Fora do contexto académico também participei em algumas peças encenadas por colegas e duas curtas-metragens. Fiz dois workshops de *clown*, um de música e um outro de voz. Para concluir o curso fiz um Projecto de Aptidão Profissional que encenei, escrevi e interpretei. Em 2011 comecei o curso de Cinema na Universidade da Beira Interior na Covilhã, onde ainda permaneço. Desde então, participei em nove curtas-metragens e no Expand Your Mind, festival onde fiz uma performance e encenei outra para a turma do primeiro ano de Moda.

Currículo Artístico João Morgado



A representação vem de longe mas sempre como hobby, já fazia stand up comedy nos anos 80 e participava em peças de teatro de um forma isolada – liceu, associações, grupos de jovens... mantém uma relação esporádica com a representação.

Participação como actor em curtas-metragens:

'Sei de tudo' - Realização Telmo Martins (2003)

'Suspeito' - Realização Telmo Martins (2004)

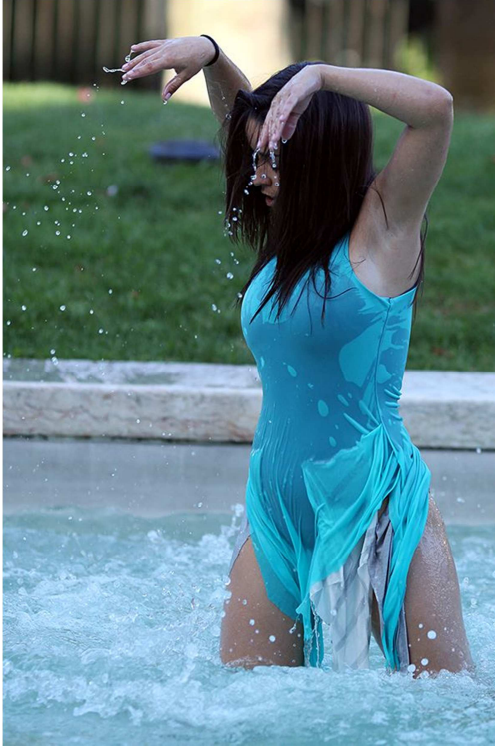
'Rupofobia' - Realização Telmo Martins (2005)

Filmes:

Funeral à Chuva - Realização Telmo Martins(2009)

Teia de Gelo - Realização Nicolau Breyner (2011)

Currículo Artístico Mariana Parente



Iniciei o meu percurso na dança aos 4 anos de idade numa turma de ballet para crianças.

Aos 8 anos, ao mudar de escola passei a ter um ensino oficial em dança clássica, com exames anuais certificados pela Imperial Society of Teacher of Dancing, obtendo classificações de distinção ao longo do percurso (A e B).

Particpei em inúmeros espetáculos realizados pela escola, mas também em outros eventos quando convidada para o efeito.

Aos 14 anos completei a minha formação na dança com a iniciação em aulas de técnica de dança contemporânea. A formação no contemporâneo foi de quatro anos. Durante esses quatro anos também foram inúmeros os espetáculos realizados, consolidando a minha experiência em palco.

Aos 18 comecei a dar aulas de dança clássica às turmas de iniciação (3-5 anos) e gradualmente comecei a dar aulas a todas as turmas (3-18 anos). Leciono à 6 anos na Academia de Dança do Clube de Albergaria (Dança Clássica) e lecionei durante um ano no Conservatório de Música da Covilhã (Dança Clássica e Contemporâneo).

Paralelamente fui mantendo o meu treino diário e a minha participação em espetáculos.

Ao longo destes anos fui, igualmente, participando em diversos workshops de dança, tendo a oportunidade de conhecer e aprender com profissionais de renome internacional na área.

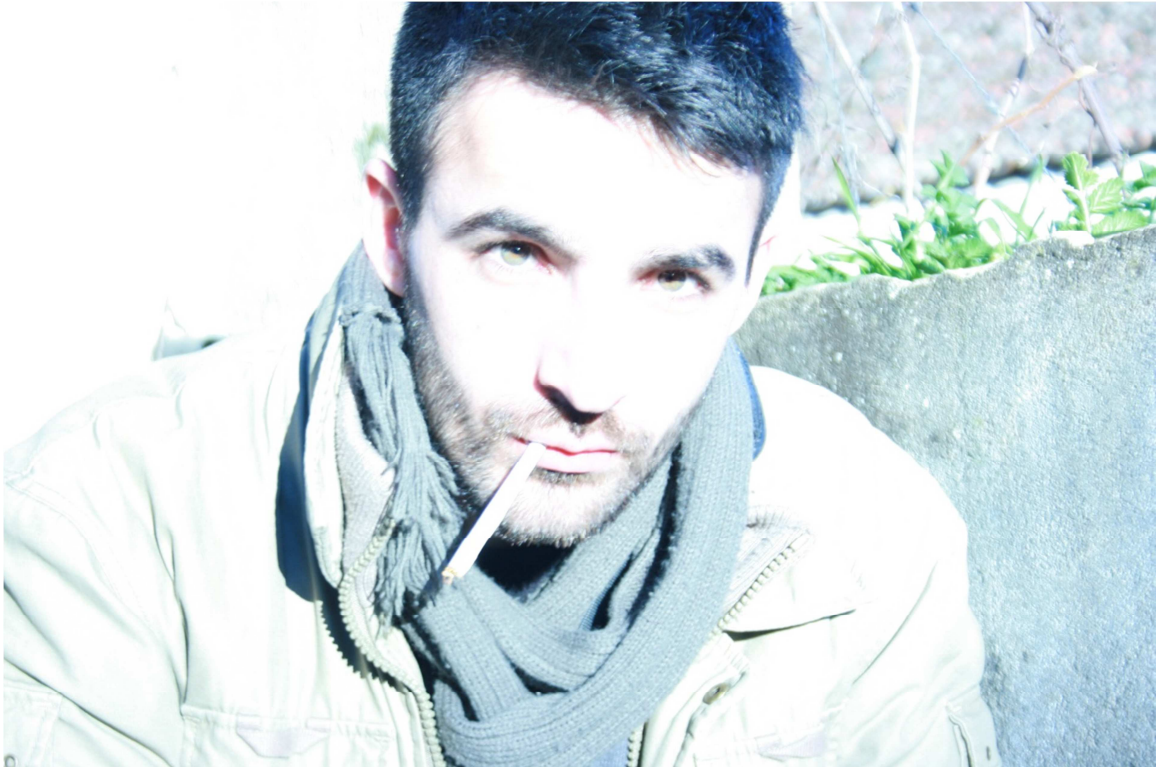
A última experiência profissional nesta área ocorreu com a participação num musical, a qual me permitiu ter o contacto com outras áreas além da dança: canto e representação.

Alguns Espetáculos Realizados:

- Branca de Neve (Dança Clássica)
- Mil e uma noites (Dança Clássica)
- 5 Elementos (Dança Clássica)
- Pocahontas (Dança Clássica)
- O Vale Encantado (Dança Clássica)
- O Quebra-Nozes (Dança Clássica)
- Sentir o Fado (Dança Clássica)
- Sete mulheres, sete segredos (Contemporâneo)
- Almas... (Contemporâneo)

- 2 Espetáculos de Rua na Covilhã (Contemporâneo)
- Despertar Talentos – O Musical (espetáculo multidisciplinar)
- (...)

Currículo Artístico Raúl dos Santos



Acabei o secundário em 2007. Estive na Marinha os três anos seguintes e entrei para Cinema, na Universidade da Beira Interior em 2011, curso que ainda frequento. Durante o primeiro ano participei como actor em doze curtas-metragens, de cariz académico, tendo protagonizado seis das mesmas. No segundo ano da universidade realizei duas curtas-metragens e entrei como actor em sete.

Fotos de Rodagem





Fotos de Actores





Fotos de Cenários





Postal

